

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

IVANA POLO

**O EFEITO DO *BULLYING* A PARTIR DE MÚLTIPLAS VOZES: NARRATIVAS DAS
VÍTIMAS, DOS AGRESSORES, DA FAMÍLIA E DA ESCOLA**

**CAXIAS DO SUL
2019**

IVANA POLO

**O EFEITO DO *BULLYING* A PARTIR DE MÚLTIPLAS VOZES: NARRATIVAS DAS
VÍTIMAS, DOS AGRESSORES, DA FAMÍLIA E DA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Pedagogia, da
Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial
para conclusão do Curso.

Orientadora: Profa. Dr^a. Nilda Stecanela

CAXIAS DO SUL

2019

IVANA POLO

O EFEITO DO *BULLYING* A PARTIR DE MÚLTIPLAS VOZES: NARRATIVAS DAS
VÍTIMAS, DOS AGRESSORES, DA FAMÍLIA E DA ESCOLA

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Pedagogia, da
Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial
para conclusão do curso.

Aprovado em 12 de dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Nilda Stecanela - Orientadora
Universidade de Caxias do Sul

Profª Drª Andréia Morés
Universidade de Caxias do Sul

Profª Drª. Carla Roberta Sasset Zanette
Universidade de Caxias do Sul

Profª Drª Cristiane Backes Welter
Coordenadora do Curso de Pedagogia - Universidade de Caxias do Sul

Dedico este trabalho à minha família e a todos os meus amigos, que sempre me apoiaram ao longo de toda a graduação e também durante a realização deste estudo.

AGRADECIMENTOS

A construção dessa pesquisa me trouxe grandes aprendizados, grandes alegrias enlouquecedoras, mas, também, grandes desesperos necessários por receio de que nunca conseguiria concluir e ter o objetivo alcançado. E hoje, com tudo concluído, só tenho a agradecer.

Agradeço, primeiramente, a Deus por mais essa vitória. A Deus que me possibilitou que este momento acontecesse e que, durante várias noites, escutou minhas inquietações e preocupações para a realização desta pesquisa. Também, agradeço a Deus, pela força e saúde para enfrentar todas as dificuldades encontradas. O caminho nem sempre foi fácil, mas confiar na tua força e no teu poder, é a melhor decisão que alguém pode tomar.

Agradecimento, em especial, a minha família, Neiva Pirolli Polo e Celso Polo, que sempre me apoiaram. Muito obrigada também pela compreensão, paciência, amor e, acima de tudo, por não medirem esforços para a minha formação pessoal e profissional. Ao meu namorado, Eduardo Zampieri dos Santos, que esteve presente em todos os momentos difíceis dessa caminhada e que não me deixou desistir desta etapa da minha vida.

Agradeço, a todo o corpo docente da Universidade de Caxias do Sul, em especial, à minha orientadora Prof.^a Dr^a Nilda Stecanela, pelo carinho, atenção e disponibilidades, que foram de extrema importância para a construção desta pesquisa. Agradeço aos professores que aceitaram participar da banca avaliadora desta pesquisa, contribuindo com seus apontamentos e contribuições.

Por fim, sou grata a todos que contribuíram de algum modo, seja de forma direta ou indiretamente, para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

SUMÁRIO

1	CARTA INTRODUTÓRIA.....	7
2	CARTA PROJETO	13
3	CARTA CONCEITUAL	17
4	CARTA METODOLÓGICA	32
5	CARTA FRAGMENTOS DA EXPERIÊNCIA COM O <i>BULLYING</i>	39
6	CONCLUSÕES	48
7	REFERÊNCIAS.....	52
8	APÊNDICES.....	54
8.1	NARRATIVAS DAS VÍTIMAS, DA FAMÍLIA, DA ESCOLA E DOS PRATICANTES	69

CARTA RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está vinculado à obtenção do grau de Licenciada no Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul. A pesquisa que culmina com essa monografia teve como objetivo “escutar a voz das vítimas, dos agressores, das famílias e da escola sobre a experiência com o *Bullying*, a fim de perceber os efeitos desse fenômeno no desenvolvimento e na aprendizagem de crianças e adolescentes, de modo a identificar elementos para sua prevenção”. Em outras palavras, o intuito é compreender as consequências do *Bullying* no processo de escolarização e na vida cotidiana das vítimas. O interesse pelo *Bullying* no cotidiano escolar, iniciou a partir das minhas experiências e vivências na Educação Básica, pois fui vítima do *Bullying* no ambiente escolar. A pesquisa é de natureza qualitativa, sem a pretensão de generalização, com características descritivas e analíticas, complementada por uma revisão teórica sobre o *Bullying*, considerando as contribuições dos seguintes autores: Carpenter e Ferguson (2011), Felizardo (2011), Calhau (2010), Silva (2010), os quais desenvolvem abordagens associadas ao objeto do presente estudo. A troca de cartas de aula, a qual é tematizada por Stecanela e Pedro (2019), foi o método encontrado para sistematizar os caminhos e os resultados da pesquisa, bem como para a escuta das narrativas dos interlocutores empíricos, ou seja, as narrativas das vítimas, da família, da escola, e dos praticantes de *Bullying* no cotidiano escolar. O trabalho se compõe de um conjunto de cartas trocadas com a orientadora e um conjunto de cartas trocadas com os participantes que colaboraram na pesquisa. Entre os resultados encontrados, é possível afirmar que: (a) o *Bullying*, é uma manifestação de violência que prejudica o desenvolvimento cognitivo, social e emocional de crianças e adolescentes; (b) tanto as vítimas como os agressores são influenciados pelas ações cotidianas do mundo contemporâneo, isto é, com as grandes imposições estipuladas pelos padrões da sociedade; (c) é preciso levar em conta a temporalidade em que o *Bullying* é exercido ou sofrido no ambiente escolar; (d) os modos como as famílias e as escolas reagem e intervêm à presença do *Bullying*; (e) são múltiplas as formas como são realizadas a proteção e prevenção das recorrências; (f) por fim, o desenvolvimento do trabalho contribuiu com a trajetória acadêmica e de futura atuação docente da autora do mesmo, pois compreende a necessidade de saber como intervir no processo de violência no ambiente escolar.

Palavras-chave: *Bullying* no Ambiente Escolar. Cartas de aula. Violência Escolar

1 CARTA INTRODUTÓRIA

O presente trabalho dividido por carta resumo, carta introdutória, carta projeto, entre outras cartas que apareceram no decorrer dessa monografia, não são títulos comuns na sistematização de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A partir de uma primeira Carta de Aula que recebi da minha orientadora, por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem do meu curso (AVA), na qual ela se apresentava e me desafiava a também me apresentar, a expressar a temática que eu gostaria de desenvolver no meu trabalho, quais as motivações para o assunto, bem como, me convidava a desenharmos a pesquisa de TCC com base na troca de cartas, fui me mobilizando e me desafiando a escrever cartas. Assim, essa carta introdutória é, na verdade, a minha carta resposta à Carta de Aula um, na qual explicito o que segue.

Acredito que a coisa mais complicada de escrever é retratar sobre sua vida, pois, por incrível que pareça, são aspectos que me trazem lembranças, alguns momentos bons, outros nem tanto. Agora, como decidir e descrever quem eu sou? Tudo começa quando nossa mãe escolhe nosso nome, isso já me aliviou, pois me “odiará por odiar meu nome”. Chamo-me Ivana, tenho 22 anos, sou uma pessoa insegura, sou bastante persistente nos meus sonhos e não desisto fácil do que almejo. Como já disse, meu nome é Ivana, meio estranho, confuso, é difícil as pessoas dizerem: que simples! Já cansei de ser chamada de Silvana, Ivânia, o mais clássico.

Terminei a Educação Básica com 17 anos, e como não tinha certeza do que gostaria de ser no futuro, optei por não ingressar em uma universidade sem ter clareza do que almejava. Meus quase 20 anos chegaram e com eles a decisão do que eu faria da minha vida, nada muito simples, só precisava decidir o que ser no futuro, até ser tão velha que os dedos já não conseguiriam se mexer por causa da idade. Após várias noites pensando e tentando decidir meu futuro, optei por ser Pedagoga, fazer o que, ao meu ver, formaria pessoas conscientes, apesar de a minha família ser formada por muitas professoras.

Trabalhei durante quatro anos como auxiliar administrativa em um escritório de representação na cidade de São Marcos/RS, onde nasci e sou residente atualmente. Faz um ano e meio que estou trabalhando como estagiária em uma escola de Educação Infantil com crianças de seis meses até três anos e 11 meses. E, hoje, não me vejo fazendo outra coisa a não ser trabalhar com as crianças. Percebo que estou na profissão correta, quando chego na sala de aula e sou recebida com beijos

e abraços por crianças que, muitas vezes, não possuem muitas condições amorosas e financeiras em casa, sei que isso não é algo que importa, mas mesmo assim, elas não medem esforços para abrir um sorriso ou até uma lágrima de alegria nos dias que precisamos de um abraço ou de um simples “oi” desengonçado. Estou na graduação, no curso de Licenciatura em Pedagogia há quatro anos, mais especificamente, no oitavo semestre, meu penúltimo semestre na Universidade de Caxias do Sul (UCS).

O desejo profissional na área da educação, mais especificamente na área da licenciatura em pedagogia, veio após incontáveis noites questionando-me a respeito do que almejava para o meu futuro. Optei por ser pedagoga, isto é, percebi que seguiria na área educacional quando constatei que as crianças não estavam mais iguais à minha época. A evolução das crianças vem desde muito cedo, que os adultos não conseguiam mais controlar as crianças ligadas nos 220 volts durante 24 horas por dia. Optei por ser professora, principalmente, pelo fato de poder ver o brilho no olhar quando estão adquirindo conhecimento, poder mudar o futuro delas.

Mas, acima de tudo isso, sou uma pessoa feliz. Na dimensão pessoal, tenho um namorado, Eduardo, com o qual estou junto há sete anos e que temos uma relação de muito companheirismo e cumplicidade.

Quando percebi que estava no final da graduação, comecei a pesquisar assuntos para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso. Durante as pesquisas, um dos temas do qual destacou-se foi a relação do *Bullying* no ambiente escolar, ou seja, por se tratar de um tema que, ao meu ver, envolve aspectos que eu presenciei e vivenciei. Acredito que o *Bullying* é algo que não pode ser esquecido, pois, milhares de crianças e adolescentes sofrem diariamente com as ações dos agressores. Então, pensando em tudo que acontece nos ambientes escolares, principalmente, o tema de pesquisa que pretendi desenvolver busca saber “como o *Bullying* interfere no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças/adolescentes, e como o pedagogo pode atuar para que isso seja evitado? ”.

A escola pode ser cenário de diversos comportamentos, já que é o ambiente que milhares de jovens se relacionam e aprendem a conviver consigo e em sociedade, entretanto, é um espaço que vem transformando a vida de alunos em um verdadeiro terror. A violência presenciada no ambiente educacional é muito debatida, porém muitos profissionais da educação não possuem devido conhecimento a respeito do assunto. A violência no ambiente escolar, conhecida como *Bullying*, se caracteriza por

agressões intencionais e contínuas, verbais ou físicas, realizadas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas.

Os agressores tendem a praticar o *Bullying* principalmente para se sentirem mais populares, sentirem-se poderosos perante aos demais colegas e a escola e, também, para obterem uma boa imagem de si mesmos. As principais causas do *Bullying*, são aspectos vinculados à vergonha e ao sentimento de incapacidade para fazer determinada ação/atividade. Alguns agressores chegam a praticar ações machucando colegas e agredindo-os fisicamente. Muitos dos estudantes que são agredidos, ao longo do percurso da vida, podem até cometer suicídio por não acreditarem no seu potencial.

Desde a Educação Básica, sempre fui uma menina que todos os colegas faziam insinuações e constantes apelidos pejorativos no que diz respeito a minha postura e comportamentos perante aos demais. Lembro-me vagamente de, muitas vezes, receber apelidos maldosos e presenciar meus colegas agredindo fisicamente e verbalmente outros indivíduos. As ações verbais que eram cometidas contra mim, sempre foram ignoradas, até que um dia, agredi uma colega de turma e a direção da escola suspendeu-me por um dia.

Nunca contei aos meus pais, pois isso os deixaria impetuosos comigo. Contudo, a suspensão não doeu tanto, o que mais me fez sentir-me impotente, foi saber que a direção da escola, além de perceber que as agressões físicas e verbais que estavam acontecendo, optaram por me suspender, em vez de suspender a colega da turma que estava praticando as agressões à mim.

Imagino que as agressões aconteciam só porque eu era mais retraída, não era “popular” na escola como os outros, sempre fui uma adolescente que gostava de ficar na “minha”, preferia ficar em casa a sair e encontrar pessoas no final de semana. Adorava passar meus dias no campo com meus avós e não ter hora para nada. E quando comecei a fazer tratamento para depressão, após minha avó ter falecido, comentei com a psicóloga o que estava acontecendo no meu ambiente escolar, e ela me relatou que eu deveria alertar um adulto, pois aquele tipo de agressões era indício de *Bullying* e que não era correto o que estava acontecendo.

Quando a psicóloga chamou meus pais para conversar, eles foram até a escola e descobriram que eu havia sido suspensa, mas meus pais sentiam que algo estava errado naquilo e quiseram saber a verdade do que havia acontecido. Quando contei a verdade, meus pais conversaram com a escola que nada fez, simplesmente

fechava os olhos e ignorava esse tipo de situação. As ações contra mim finalizaram, mas eu percebia outros estudantes vivenciando as mesmas violências verbais e físicas que eram cometidas à mim, porém de nada podia fazer, pois a direção da escola também nunca realizou alguma ação efetiva para finalizar esse tipo de violência no ambiente escolar.

Acredito que foi a partir dessa mini história, que eu percebi que o *Bullying* é um assunto que me intriga e que eu precisava escrever algo para que o mundo e o pessoal que trabalha com a educação saiba o quanto o *Bullying* é devastador na autoestima e no desenvolvimento de um aluno, principalmente, quando as ações físicas e verbais começam no início da escolarização da criança.

O *Bullying*, por ter vivido e presenciado cenas, sempre foi um assunto que me incomodou, que me deixou diversas noites acordada, inventando milhões de desculpas para não ir à escola no outro dia. E hoje, na graduação em Pedagogia, eu percebo que as perguntas que eu gostaria de responder, nesse projeto são:

- a) Como as ações que o *Bullying* provoca no ser humano podem interferir no desenvolvimento e na aprendizagem dos estudantes?
- b) Como que o pedagogo pode interferir para que isso não aconteça no ambiente escolar e na sala de aula?
- c) Por que as primeiras ações de *Bullying* começam ainda na sala de aula?

Quando um aluno chega num ambiente escolar, desde o tom de voz que o adolescente se expõe já se torna motivo para que muitos colegas comecem por ali suas ações de *Bullying*. Acabei me estendendo demais, mas é que relembrar todas as ações e os momentos que eu vivi, são aspectos não muito agradáveis.

Agora, cheguei na pergunta que eu não tenho ideia de como desenvolver, quando você me pergunta “que hipóteses eu tenho sobre o assunto? ”. Acredito que para tal questão, preciso dividir a resposta do meu tema de pesquisa para: Por que as ações que os agressores praticam, têm tanto impacto no desenvolvimento e no aprendizado das crianças? Que propostas, os professores e os familiares, podem fazer para que o *Bullying* seja prevenido e tenha um fim no ambiente escolar?

Penso que para responder à questão oito, isto é, “Em sua opinião, diferentes grupos de pessoas têm diferentes opiniões, por exemplo, a visão dos professores é diferente da visão dos estudantes? E, no caso do *Bullying*, a visão de quem pratica é

diferente de quem sofre *Bullying*? ”, as concepções dessa pergunta, me fazem refletir um pouco mais sobre a temática *Bullying*. Nem todo mundo percebe o *Bullying* como um problema, muitos apenas enxergam essas ações, apenas como sendo uma forma da criança ou adolescente chamar a atenção. Percebo o *Bullying* além disso, envolvendo problemas de autoestima e de afetividades os quais estão intrinsecamente ligados. Por exemplo, a baixa autoestima por parte de quem sofre a agressão, as relações de poder por parte de quem pratica o *Bullying* que, para se sentir melhor ou mais forte age provocando um sofrimento no outro. Resta saber, por exemplo, quais os reais motivos pelos quais os agressores praticam *Bullying*? Uma hipótese pode ser as próprias relações afetivas no convívio familiar. Além disso, pode ser uma forma de chamar a atenção para si e desviar os focos de atenção de alguém que está ou não em destaque no seu grupo de relações

Como já mencionei acima, nem todos enxergam da mesma forma, apesar de existirem diversas campanhas e formas de evitar essas formas de violência, percebo que a maior parte dos professores não faz nada para prevenir, por apenas achar que são atitudes de adolescentes e que eles mesmos devem se entender. Entretanto, muitas dessas “ignoradas”, nas quais muitos professores fingem não ver, podem ser muito danosas nos percursos de adolescentes e crianças, principalmente nos adolescentes. É na fase da adolescência que os problemas de autoestima e de se aceitar como são começa a desencadear as ações de *Bullying*. Não percebemos, mas aquele adolescente que sempre está de “bem” com a vida, às vezes, nas famílias, as situações não são das melhores, presenciam situações de violência e de maus tratos, ou até mesmo podem estar sofrendo tais ações. Muitos, possivelmente, nem sabem de sua situação em casa e, com isso, tentam esquecer os problemas e acabam cometendo as ações de violência e de xingamentos com os outros, para tentar se “sentir melhor”. Então, na minha opinião, sim, os professores não têm a mesma visão que os alunos, ou o inverso. E quem pratica não tem a mesma percepção de quem é agredido.

Inicialmente, pretendia desenvolver a minha pesquisa, mais de cunho bibliográfico e, de repente, realizar questionários que fossem entregues a estudantes e professores para perceber quais os fatores que podem influenciar quem está no ambiente escolar a praticar o *Bullying*. E, por fim, buscar dialogar com autores que retratem esse tema, bem como professores que presenciaram ações de *Bullying*. Contudo, com a proposta das cartas, fiquei um pouco curiosa e não compreendi muito

como vamos desenvolver isso. Mas, acredito que iremos, ao longo do percurso, compreender melhor como nos aproximar dessa ideia.

Gostaria muito que meu Trabalho de Conclusão de Curso, tivesse divulgação para toda rede de ensino e outras pessoas que, se estiverem interessadas em conhecer como o *Bullying* acontece no cotidiano das escolas. E, como se sentem as vítimas, como se sentem os agressores, como a escola articula ações para prevenir, enfrentar ou minimizar o problema, e qual o papel dos espectadores no ambiente escolar.

Digo isso, pois, por mais que o ser humano não acredite, esse assunto ainda é “pouco conhecido” embora tenha uma repercussão enorme na vida dos adolescentes que enfrentam, diariamente, no ambiente escolar, as violências e xingamentos de quem pratica *Bullying*.

Por fim, feito essa contextualização, no próximo item, na “Carta projeto”, descrevo os propósitos da pesquisa, integrando o principal motivo de escolha do tema e como será desenvolvido o trabalho sobre o *Bullying* no ambiente escolar.

2 CARTA PROJETO

Após contextualizar quem eu sou e aspectos que me motivaram a escrever sobre o *Bullying* para o desenvolvimento deste trabalho, apresento formalmente a seguir os itens do projeto, ou seja, a justificativa, que apresenta o porquê da escolha do tema, em seguida, o objetivo desta pesquisa, o problema de pesquisa que é o motivo inicial, o *Bullying* no ambiente escolar, o anúncio do método adotado nesta pesquisa e dos referenciais teóricos, desenvolvidos na carta conceitual, os quais estão explicitados a seguir.

Início pela **justificativa do projeto**, pois, a escolha do tema *Bullying* se deve ao fato de que muitos profissionais da educação não têm conhecimento sobre o mesmo, e como muitas crianças descrevem, são “brincadeirinhas” feitas aos colegas, contudo, é através dessas ações que principia a violência no ambiente escolar, o que agora denominamos *Bullying*. A escolha desse tema também se justifica por relatos de professores e direção de escolas e, também, por parte de alunos e pais que, frequentemente, relatam se sentirem desamparados e incomodados com as atitudes agressivas que se manifestam no cotidiano escolar de seus filhos.

Segundo Calhau (2010), não existe uma tradução exata para a palavra, entretanto, o fenômeno pode ser caracterizado por uma ação de assédio moral e, também, por atos de desprezo, violência e destruição da estrutura psíquica de outra pessoa. Calhau (2010, p.6) ainda destaca que “ para alguns o *Bullying* é um “cerco”, tal qual é realizado em uma guerra, onde o inimigo vai sendo atacado continuamente até se render ou morrer”.

O *Bullying* é uma das violências que mais tem afetado o aprendizado dos estudantes e com isso também o desenvolvimento. A escola, com a influência do *Bullying*, deixou de ser um ambiente protegido e seguro para transmissão e construção de conhecimento com nossos alunos. Para Fante (2005, p. 27)

Bullying: palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, utilizando pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar

O *Bullying*, não deixa de ser uma violência que mascara atitudes que, muitas vezes, começam na brincadeira com o outro indivíduo. A agressão que é cometida,

interfere tanto no psicológico da pessoa que está sendo agredida, quanto fisicamente, podendo interferir até no aprendizado que está sendo construído.

A partir da introdução acima destacada sobre a escolha do tema de pesquisa, o *Bullying*, e refletindo sobre há quanto tempo ele existe, observa-se que muitos profissionais da educação o deixam passar despercebidos, acreditando que isso seja uma forma de as crianças/adolescentes se tornarem seres humanos capazes de resolver seus próprios problemas. Nesta etapa de realização do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia, na Universidade de Caxias do Sul, situo que o presente estudo iniciou com o seguinte **problema de pesquisa**: “Como o *Bullying* interfere no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças/adolescentes, e como a escola pode atuar para que isso seja evitado? ”.

Depois de definido o problema de pesquisa, está na hora de buscar saber um pouco mais acerca desse problema, então delimitamos o principal **objetivo** da pesquisa da seguinte forma: “escutar a voz das vítimas, dos agressores, das famílias e da escola sobre a experiência com o *Bullying*, a fim de perceber os efeitos desse fenômeno no desenvolvimento e na aprendizagem de crianças e adolescentes, de modo a identificar elementos para sua prevenção”.

A **metodologia** utilizada na produção da pesquisa baseou-se em produções de autores que dialogam sobre o *Bullying*, escritas de cartas com interlocutores empíricos, ou seja, trocas de Cartas de Aula, nas quais foi proposto a produção de narrativas sobre suas trajetórias de vidas, a fim de compreender um pouco dos contextos que vivem adolescentes e crianças que presenciam no seu cotidiano ações de *Bullying* ou que até sofrem com as violências físicas ou verbais.

As Cartas de Aula, metodologia utilizada para a comunicação com os sujeitos empíricos, tem inspiração na abordagem de Stecanela e Pedro (2019) ao utilizarem esse modo de comunicação e de investigação em atividades de ensino. As Cartas de Aula compuseram uma forma do interlocutor expressar suas vivências e percepções sobre determinado conteúdo, escolar, acadêmico ou de vida. Os posicionamentos dos interlocutores empíricos destacaram as formas possíveis encontradas para a sobreviver ou enfrentar o fenômeno do *Bullying* vivido ou presenciado no ambiente escolar.

O **referencial teórico** é buscado para compreender o fenômeno do *Bullying* com as contribuições dos seguintes autores: Carpenter e Ferguson (2011), Silva (2010), Calhau (2010), Fante (2005) entre outros.

Como destacado anteriormente por Calhau (2010), não existe tradução condizente com a palavra *Bullying*, entretanto, para Carpenter e Ferguson (2011), na língua portuguesa, ela é definida como uma forma de bulir, tocar, bater, zombar. As ações de quem pratica *Bullying* são evidenciadas por agressões intencionais e contínuas, isto é, de maneira repetitiva a uma mesma pessoa. As ações de quem pratica *Bullying* também podem caracterizar-se por serem verbais ou físicas, isto é, com apelidos pejorativos ou empurrões, chutes e até socos. Carpenter e Ferguson (2011, p. 20) salientam que “as características mais comuns do *Bullying* são a discriminação, a chacota, os apelidos pejorativos, os boatos, as ameaças verbais, as provocações, a intimidação, o isolamento ou exclusão e a agressão física”.

Os agressores tendem a praticar o *Bullying* principalmente para se sentirem mais populares, sentirem-se poderosos perante os demais colegas e a escola e, também, para obterem uma boa imagem de si mesmos. Felizardo (2017, p. 54) destaca que na pesquisa realizada por Dan Olweus.

- a) Os alunos *Bullies*¹ têm necessidades fortes de poder (negativo) e dominância; eles parecem gostar de estar no controle e subjugar outros.
- b) Os alunos que intimidam encontram satisfação em causar lesão e sofrimento em outros alunos. Isso se deve, pelo menos parcialmente, ao ambiente em casa, que lhes pode ter causado hostilidade.
- c) Os alunos que intimidam, muitas vezes, são recompensados pelos seus comportamentos. Tais recompensas podem ser materiais - quando forçam o estudante intimidado a dar-lhes dinheiro - ou psicológicas – quando outros alunos lhes concedem atenção, status e prestígio.

As principais consequências do *Bullying*, são aspectos vinculados à vergonha e pelo sentimento de incapacidade para fazer determinada ação/atividade.

O desequilíbrio de poder caracteriza-se pelo fato de que a vítima não consegue se defender com facilidade, devido a inúmeros fatores: por ser de menor estatura ou força física; por estar em minoria; por apresentar pouca habilidade de defesa; pela falta de assertividade e pouca flexibilidade psicológica perante o autor ou autores dos ataques (FANTE, 2005, p.28)

Alguns agressores chegam a praticar ações machucando colegas e os agredindo fisicamente. Muitos dos estudantes que são agredidos, ao longo do percurso da vida, podem até cometer suicídio por não acreditarem no seu potencial.

¹ Significa valentão, termo utilizado para determinar o agressor de *Bullying*.

Para o desenvolvimento da última parte da *carta projeto*, os tempos de desenvolvimento na pesquisa também é importante de ser apresentado, conforme destaca-se na tabela abaixo:

Mês	Atividades
Agosto	<ul style="list-style-type: none"> - Reuniões iniciais com a orientadora para definição do objeto de pesquisa; - Trocas de cartas com a orientadora para construção do projeto de pesquisa: definição dos objetivos, formulação do problema; - Início do estudo bibliográfico sobre o tema da pesquisa. - Definição da metodologia para desenvolvimento da pesquisa: as cartas de aula; - Participação em sessões de orientação presenciais.
Setembro	<ul style="list-style-type: none"> - Definição da amostra da pesquisa e localização dos interlocutores empíricos; - Esboço das cartas convite para participação na pesquisa; - Envio das cartas aos participantes da pesquisa; - Respostas às cartas dos interlocutores empíricos da pesquisa; - Aprofundamento teórico do tema e da metodologia da pesquisa; - Continuidade na troca de cartas com a orientadora; - Participação em sessões de orientação presenciais.
Outubro	<ul style="list-style-type: none"> - Aprofundamento teórico do tema e da metodologia da pesquisa; - Continuidade na troca de cartas com a orientadora; - Participação em sessões de orientação presenciais; - Análise e categorização das narrativas das cartas trocadas com os interlocutores da pesquisa.
Novembro	<ul style="list-style-type: none"> - Continuidade na troca de cartas com a orientadora; - Participação em sessões de orientação presenciais; - Revisão e formatação do texto final.
Dezembro	<ul style="list-style-type: none"> - Entrega da versão final; - Participação em sessões de orientação presenciais. - Apresentação dos resultados em banca.

Por fim, nas cartas que seguem, tratarei de descrever a metodologia que deu suporte ao desenvolvimento e escrita do trabalho, apresentar os interlocutores empíricos, ou seja, a voz das vítimas, da família, da escola e também dos praticantes de *Bullying*, bem como desenvolver os conceitos teóricos para compreender um pouco mais do tema *Bullying* no ambiente escolar e suas consequências para os estudantes na Educação Básica.

3 CARTA CONCEITUAL

As ações de violência ficam mais evidentes quando presenciamos as cenas destacadas nas redes sociais e de comunicação. Contudo, algumas formas de violência, a exemplo do *Bullying*, muitas vezes são invisíveis e silenciosas, pertencendo ao conhecimento apenas de quem sofre ou de quem pratica o fenômeno. Muitas vezes, nem mesmo esses sujeitos se dão conta de que sofrem ou de que praticam o *Bullying*.

Os meios de comunicação divulgam amplamente os fatos ocorridos quando chegam ao extremo, seja em ataques coletivos como o que ocorreu no Instituto Columbine nos Estados Unidos, no ano de 1999, sejam em eventos específicos como o que aconteceu na escola de Realengo no Rio de Janeiro, no ano de 2011 ou na escola de Suzano, em São Paulo no ano de 2019. Vários outros acontecimentos podem ser relatados.

Calhau (2010) destaca o massacre ocorrido no ano de 1999, no Instituto Columbine (Colorado, EUA), no qual duas vítimas de *Bullying* entraram numa escola e dispararam contra colegas e professores. Em 2005, um aluno com 16 anos matou colegas, professores e um segurança da escola em Minnesota (EUA). No Brasil os casos de violência não são incomuns, vários alunos são flagrados com armas nas escolas. Em 2003, em um município de São Paulo, uma vítima voltou à escola e atirou em seis alunos e na professora, por fim, sobreviveram ao ataque. Em 2008, uma vítima morreu após ser espancada na escola. Infelizmente, esses são alguns relatos de ações envolvendo *Bullying*. Vivemos em uma sociedade que é marcada pelo individualismo e o capitalismo.

Se pararmos para pensar, como podemos descrever o *Bullying*, um assunto que muitas pessoas acreditam ser apenas brincadeiras de crianças e adolescentes no cotidiano de uma escola? E como perceber que as ações estão acontecendo no ambiente educacional? Ou ainda, como perceber que os filhos estão sendo vítimas de *Bullying*? Esses são alguns questionamentos feitos por diversos profissionais da educação e até mesmo por pais de crianças e adolescentes, principalmente porque muitas pessoas não sabem de que forma agir para que isso seja evitado. Fante (2005, p.10) aponta que

O fenômeno *Bullying* estimula a delinquência e induz a outras formas de violência explícita, produzindo, em larga escala, cidadãos estressados, deprimidos, com baixa autoestima, capacidade de auto aceitação e

resistência à frustração, reduzida a capacidade de autoafirmação e de auto expressão, além de propiciar o desenvolvimento de sintomatologias de estresse, de doenças psicossomáticas, de transtornos mentais e de psicopatologias graves. Tem, como agravante, interferência drástica no processo de aprendizagem e de socialização, que estende suas consequências para o resto da vida, podendo chegar a um desfecho trágico.

Apesar de muitos entenderem que se tratam de brincadeiras inocentes, o *Bullying* se caracteriza por ações de violência física ou verbal, que ocorrem de forma repetitiva e intencional, ou seja, várias ações contra uma ou mais vítimas. Calhau (2010) destaca que não são apenas brincadeiras próprias da infância, são ações de violência que prejudicam o desenvolvimento e o aprendizado de muitos jovens e crianças.

Carpenter e Ferguson (2011) destacam que os primeiros alertas que a vítima demonstra para a família descobrir as ações de violência, estão em suas ações cotidianas, ou seja, pode iniciar ainda na pré-escola quando as vítimas dizem não querer mais frequentar o ambiente escolar. Relatam que “odeiam a escola”, ou quando aparecem em casa com hematomas ao longo do corpo. Outra evidencia é, por exemplo, aquele garoto que adorava jogar futebol e, subitamente, seu desejo é parar de jogar. Esses são alguns sinais que as vítimas demonstram quando estão sofrendo violência.

Por mais que quando descobrem que seu filho (a) está sendo vítima de *Bullying*, o desejo incessante dos pais seja acabar logo com a situação, muitos não sabem como iniciar o processo. As dúvidas recaem sobre: se em primeiro momento devem dialogar com os responsáveis do *Bully*; se *devem* conversar com a direção da escola; ou se devem conversar com o filho para compreender melhor o que está acontecendo, antes de piorar a situação. Esses são alguns dos questionamentos mais comuns que a comunidade pode se perguntar para tentar resolver alguns pontos iniciais do *Bullying*.

Partindo do ponto inicial, de que o *Bullying* apresenta-se como uma expressão de desrespeito e agressão contra o outro, e que produz vítimas com tortura emocional ou física, prejudicando seu desenvolvimento íntegro, a história do *Bullying*, nem sempre foi como a entendemos atualmente. Há muito tempo, os profissionais da educação e pais de estudantes, não tinham conhecimento sobre o *Bullying*, acreditavam ser apenas atitudes normais do cotidiano. Entretanto, com o passar do tempo, muitos pesquisadores compreenderam o assunto, e perceberam o impacto

negativo do *Bullying* e como esse fenômeno atua sobre os comportamentos das crianças. Carpenter e Ferguson (2011 p. 20), destacam que:

No passado, atitudes agressivas eram tidas como normais ou inevitáveis no desenvolvimento da criança. Zombaria, exclusão, rejeição, mexericos, empurrões e até mesmo derrubar a vítima eram considerados parte das brincadeiras e do comportamento infantil. Aqueles que reclamavam ouviam dos pais e educadores que não se deixassem abalar pelas brincadeiras, que deixassem de ser tão sensíveis e passassem a reagir, ou que aquilo os ajudaria a se tornar mais fortes e a ter mais caráter.

Os autores destacam algo bem relevante, que os pais deixassem as vítimas reagir, porém, sabia-se que naquela época, muitas das crianças não tinham a autoestima suficiente para reagir às ações de *Bullying*. E hoje, com as grandes mudanças na sociedade contemporânea, as ações de *Bullies* ainda se repetem e, devido ao medo, muitas vítimas enfrentam o fenômeno caladas, não expondo aos seus responsáveis o que estão enfrentando dentro do ambiente escolar.

O *Bullying*, começou a ser conhecido mais amplamente a partir da década de 1970, antes dessa época, muitos não o consideravam como um problema. Foi o pesquisador sueco e professor da Universidade de Bergen/Noruega, quem alertou o quanto o *Bullying* pode afetar uma vítima. “As descobertas de Olweus advertiram os pesquisadores e demonstraram que a relação *Bully/vítima* ocorre na maioria das escolas.” (CARPENTER e FERGUSON, 2011 p. 22). Com o passar dos anos, observa-se um progresso em relação ao conhecimento do *Bullying*, principalmente nas escolas.

Fante e Pedra, (2008), descrevem que Dan Olweus, entre 1978 a 1993, elaborou critérios que auxiliam para que seja diferenciado uma ação de *Bullying* de uma brincadeira de criança. Esses autores referem que, segundo Dan Olweus, os critérios estabelecidos para identificação do *Bullying* são: “ações repetitivas contra a mesma vítima num período prolongado de tempo; desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; ausência de motivos que justifiquem os ataques” (FANTE e PEDRA, 2008, p. 39).

No universo onde as mudanças culturais e tecnológicas se fazem presentes, os problemas no ambiente escolar não são diferentes. Os dias atuais trouxeram para a sociedade aspectos que, nos tempos passados, não eram tão percebidos ou tão apresentados como o são na contemporaneidade.

No que se refere ao cotidiano escolar, as ações de *Bullying*, são um exemplo de transformação na sociedade. Segundo Calhau (2010) não existe uma tradução exata que descreva corretamente a palavra *Bullying*. Elas são caracterizadas por uma ação que despreza, violenta, agride e destrói a estrutura psíquica de outra pessoa sem motivação alguma e de forma repetidas.

Fante (2005) descreve que as ações dos *Bullies* têm como principal objetivo causar dor, angústia e sofrimento, além de ações físicas, emocionais e cognitivas para ridicularizar a vida dos outros alunos. Entretanto, o *Bullying* pode ocorrer em qualquer compartimento das escolas, mas com maior frequência na sala de aula, seguido do pátio externo, corredores, banheiros e até no transporte escolar, mas, acima de tudo, as ações acontecem onde não há supervisão de um adulto.

Para compreendermos um pouco mais sobre o assunto, precisamos saber diferenciar *Bully* de *Bullying*. *Bully*, significa valentão, pessoa que não tem medo, utilizado normalmente para determinar o praticante de *Bullying*, e que é impiedoso, não possui sentimentos pelo o outro. Já o *Bullying* é o ato que é praticado de forma intencional e repetitiva, física ou psicológica.

Outro aspecto para conhecimento a respeito das ações de violência no ambiente escolar, é saber diferenciar acidentes de ações com intencionalidade de desrespeitar o outro. Por exemplo, quando uma criança tropeça no pé de outro colega acidentalmente, mas a ajuda a levantar e pede desculpas, não tem indícios de ser ações de *Bullying*. Entretanto, as ações repetitivas, onde é realizado diversas vezes ações de empurrão contra outro colega, xingamento, provocações e até pegar os lanches ou os materiais didáticos, podem ser consideradas ações de *Bullying*. Felizardo (2017 p. 38) destaca que

Bullying é um termo empregado na maioria dos países para designar comportamento agressivos sistemático cometido por um ou mais estudantes, camuflado como brincadeira, como o propósito de intimidar, maltratar ou atormentar outro estudante. A intenção é feri-lo, manter o domínio sobre ele, provocar o medo com ameaça e indução de futura agressão e criar terror.

Conforme os aspectos acima destacados, por Felizardo (2017), precisamos ter clareza que as situações, quando ultrapassam certos limites, por exemplo, envolvendo humilhação, ameaças e até empurrar o outro, é preciso atenção, pois, são indícios de *Bullying*. Carpenter e Ferguson (2011 p. 26), destacam que o “desequilíbrio

de poder, intenção de ferir ou humilhar e ameaças de que a perseguição irá continuar”, são os três sinais mais comuns apresentados pelas vítimas de *Bullies*.

Segundo Carpenter e Ferguson (2011) existem diversos tipos de *Bullying*, entre eles está o *Bullying* verbal e o *Bullying* físico, sendo os mais comuns no ambiente escolar. Depois vem os *Bullying* social, em relacionamentos e emocional. Ainda temos o *Bullying* extorsão e o *Bullying* da Internet, mais conhecido como *Cyberbullying*. A tarefa mais difícil que muitos pais e profissionais da educação enfrentam é saber diferenciar cada um deles.

O *Bullying* verbal é caracterizado pelas frases que são intituladas as outras pessoas. Quando escutamos a frase “as palavras não me afetam” nem sempre podem ser verdadeiras. As palavras, em muitos casos e nas circunstâncias que são usadas, podem ser consideradas verdadeiras armas contra o outro, podem até ferir a autoestima e machucar as pessoas. O *Bullying* verbal inicia desde muito cedo, principalmente entre as crianças mais novas, aquelas em que vão à pré-escola. As crianças desde os anos iniciais da escolarização, já começam nomeando seus colegas de apelidos pejorativos, porém, o que muitos profissionais e pais acreditam, é que esse tipo de ações é característico da idade, uma brincadeira. É na infância que esses tipos de ações começam a provocar um *Bully* no futuro. Conforme complementam Carpenter e Ferguson (2011, p. 34):

Qualquer comportamento pode se tornar um hábito. Por isso, mesmo sem ter incentivo de alguns colegas que riem toda vez que ele maltrata uma vítima ou a postura permissiva dos pais diante de suas “brincadeiras”, o *bully* desenvolve um ciclo vicioso de abuso e agressão. Além disso, qualquer tipo de incentivo ou a ausência de punição podem agravar o comportamento negativo.

A grande chave para banir do ambiente escolar as ações de *Bullying*, é fazer com que as crianças compreendam desde a pré-escola que magoar os sentimentos de outra pessoa não é aceitável. É uma maneira desumana de se destacar nas humilhações feitas ao outro ser humano. É necessário, portanto, desde a mais tenra idade, o desenvolvimento da empatia.

O *Bullying* já é uma ação que machuca os sentimentos das pessoas, entretanto, para uma criança, as ações do *Bullying* verbal são muito mais dolorosas que as do *Bullying* físico. Carpenter e Ferguson, (2011 p. 36) destacam que “qualquer motivo serve de desculpa para os *Bullies* [...]. Mas o importante é lembrar que a maioria dos ataques ocorre por motivos exagerados, raramente reais. [...]. O objetivo

é simplesmente provocá-la. Qualquer assunto que a irrite serve. ” Por fim a grande peça chave para compreendermos os efeitos do *Bullying* verbal é que ele além de ser doloroso e traumático, para quem está sendo vítima, ele abala a autoestima, faz um ataque diretamente à sua personalidade, ou seja, à sua autoimagem e sua autoconfiança nas suas potencialidades.

Outra forma de *Bullying* presenciada no ambiente escolar é o *Bullying* físico, ou seja, a agressão física é uma das razões que estudantes são suspensos/detentos por agredir os colegas. As *Bullies* meninas, normalmente atacam com puxões de cabelos, empurrões, colocando o pé no caminho e dando risada da vítima. Já os *Bullies* meninos, costumam ir mais em agressões mais severas em comparação às meninas, por exemplo, empurrar, socar e até atirar objetos nas suas vítimas. Carpenter e Ferguson (2011) afirmam que *Bullying* físico pode ocorrer mesmo sem ocorrer agressão física, as ações de intimidar, ameaçar ou simplesmente de assustar e até de invadir a privacidade do outro, podem ser piores que uma agressão física.

O *Bullying* físico não possui limites, podendo se tornar uma ação incontrolável. Abramovay, et al. (2012, p.54) afirma que “as agressões físicas colaboram com a reprodução da cultura da violência e da agressividade entre os pares, tendendo a prevalecer sobre o diálogo e outras formas não-violentas de mediação”. Devido as altas complexidades de perturbação à consciência, com a influência do *Bullying*, pode ocorrer um incentivo à prática de atos criminosos e a violência. Os praticantes de *Bullying* acreditam que é somente com a força bruta que conseguem resolver seus problemas pessoais.

Também existe o *Bullying* social, em relacionamentos e emocional. O *Bullying* social se caracteriza por humilhar o outro na frente de colegas ou amigos da vítima. As principais ações que se caracterizam o *Bullying* social é quando uma vítima não se sente parte integrante de um grupo de amigos, ou quando alguém se levanta por não querer ficar perto da vítima. Conforme destacam Carpenter e Ferguson, (2011 p. 38, p. 39): “É um dos piores tipos de *Bullying*, já que é presenciado por todos. [...]. Com o tempo, passa a acreditar que realmente é estranha [...] ou que não merece atenção das pessoas”. No âmbito do *Bullying* social, há o *Bullying* não verbal e o *Bullying* psicológico. O *Bullying* não verbal ocorre quando as crianças humilham as vítimas, porém somente com ações, sem utilizar formas de comunicação. Já o *Bullying* psicológico ocorre quando as crianças excluem propositalmente a vítima. Fazem com que ela se sinta ignorada, tornando a vida da vítima uma verdadeira tortura. A chave

para prevenir o *Bullying* social, seja ele não verbal ou psicológico, é compreender que ele afeta, principalmente, a autoestima da pessoa e a vítima acredita ser incapaz de se ter alguma relação, seja de amizade ou amorosa, com qualquer pessoa.

O *Bullying* de relacionamento é aquele onde as meninas, principalmente, querem se sentir poderosas como a *Bully*, porém com a sua posição social, são excluídas ou até maltratadas. Esse *Bullying* é devastador, pois além de não ser tão claro ou evidente como os demais *Bullying*, ele atinge as meninas justamente na fase em que estão se relacionando e desenvolvendo suas habilidades de relacionar-se.

Conforme abordam Carpenter e Ferguson (2011), o *Bully*, por exemplo, uma garota de alto padrão social, pode argumentar dizendo algo relevante, fazendo com que a culpa não caia sobre ela e disfarçar seu comportamento, sendo assim, dificultando aos pais ou professores identificarem e acreditarem que alguém seja capaz de fazer ações terríveis contra outro. Para concluir, o *Bullying* de relacionamento, a intenção é destruir amizades, fazer as vítimas se sentirem isoladas.

O *Bullying* emocional, utiliza-se da dominação para conseguir o que lhe convém. Para termos a clareza sobre o *Bullying* emocional, Carpenter e Ferguson (2011) destacam que precisamos compreender que são utilizadas ações de exclusividade, rejeitando a vítima e fazendo-a se sentir excluída. O praticante de *Bullying* emocional não aceita que a atenção seja dirigida a outra pessoa além dela mesmo.

Como já citado até agora existem diversos *Bullying*, contudo, ainda não citamos um tipo de *Bullying* que, em muitos casos, fazem com que as vítimas se sintam impotentes, não sabendo como agir em muitas situações. Refiro-me ao *Bullying* extorsão, ou seja, um tipo de violência que se caracteriza por extorquir dinheiro, comida ou até objetos pessoais e materiais dos colegas, muitas vezes, considerados mais fracos. Carpenter e Ferguson (2011) afirmam que quem pratica o *Bullying* extorsão, normalmente, atua de duas formas: na primeira forma, roubando os pertences de outra criança, e então a vítima é obrigada a contar aos seus pais/responsáveis o porquê ficou sem o objeto; e, a segunda forma, obrigando a vítima a roubar diretamente ou indiretamente pertences de outras pessoas, tornando-o vulnerável às chantagens realizadas pelo *Bully*.

Como já descrito até agora, as formas existentes de *Bullying* são inúmeras, mas não podemos deixar de comentar as formas diretas e indiretas e também do

Cyberbullying, que são ações que fazem vítimas todos os dias no cotidiano escolar e na sociedade contemporânea.

O *Bullying* direto pode acontecer com socos, empurrões, humilhação verbal, entre outras. No *Bullying* direto a intimidação ocorre pessoalmente, ou seja, o agressor faz a provocação ao olho da vítima. Segundo Carpenter e Ferguson (2011 p. 42), os “estudos sugerem que há uma tendência de o *Bullying* direto se tornar indireto à medida que as crianças vão ficando mais velhas”.

Já no *Bullying* indireto, as ações são ao contrário, ou seja, as humilhações são realizadas através de mentiras e destruindo a reputação sobre a vítima. Nesse *Bullying*, dificilmente se identifica quem iniciou os boatos de humilhação. Fica evidente que nas duas formas de intimidação, a escola precisa sempre estar preparada para saber lidar com essas situações presentes no cotidiano escolar, pois, os principais critérios que contribuem para ajudar a identificar as vítimas e agressores são: desequilíbrio e poder, má intenção e ameaças.

Por fim, e não menos importante, o *Bullying* de internet, mais conhecido como *Cyberbullying*. É de conhecimento de todos que os avanços tecnológicos têm como principal objetivo, facilitar a vida cotidiana das pessoas, por exemplo, no acesso às mais recentes notícias sobre o mundo, atualizar-se com as redes sociais, se comunicar através dos aplicativos de comunicação em tempo real, entre outros. Esses são exemplos de muitos meios de comunicação, entretanto, os *Bully* se aproveitam dessas facilidades tecnológicas para fazer novas vítimas ao seu meio.

Fante e Pedra (2008 p. 69) nomeiam o *Cyberbullying* como *Bullying* virtual e destacam:

São inúmeras as causas que colaboram para as práticas do *Bullying* virtual. Dentre elas, podemos citar a ausência de orientação ética e legal na utilização dos recursos tecnológicos, a ausência de limite, a insensibilidade, a insensatez, os comportamentos inconsequentes, a dificuldade de empatia, a certeza da impunidade e do anonimato. Além desses fatores, a falta de denúncia dos casos estimula a ação dos praticantes e impede a ação das autoridades e aplicação das leis, bem como da elaboração de políticas públicas emergenciais que priorizem a contenção desse grave problema endêmico.

Carpenter e Ferguson (2011) observam que, com os grandes avanços na área tecnológicas, os métodos utilizados para torturar e perseguir as vítimas se tornaram infinitos. Antigamente, as vítimas podiam se esconder para evitar de serem atacada, porém, nos dias de hoje, o *Bully* pode continuar fazendo humilhações por meio de

vários dispositivos, como é o caso do telefone celular, computador, disponibilizando publicamente vídeos, entre outros.

A prática do *Bullying* virtual é uma das formas mais devastadoras, além do *Bullying* físico e verbal, pois, além da vítima sofrer constantemente com ameaças e formas de humilhação no ambiente escolar, a prática virtual acaba influenciando outras pessoas por meio das postagens das redes sociais e meios de comunicação, prejudicando ainda mais a autoconfiança e a autoestima da criança/jovens vítimas de seus praticantes.

Já temos a percepção que o *Bullying* tem uma influência devastadora no desenvolvimento e na aprendizagem da criança, mas como é mencionado por Calhau, (2010) os atos de *Bullying* são uma forma de maldade feita contra a vítima, trazendo múltiplas consequências a quem recebe as ações do doutrinador. Mas, acima de tudo, será que temos conhecimento do porquê e de como os praticantes de *Bullying* fazem a escolha de suas vítimas? Para responder a esses questionamentos, precisamos compreender que existem características simples, mas que contribuem para identificarmos *Bullies* no ambiente escolar. Muitas pessoas têm a concepção de que as atitudes cruéis dos agressores são influenciadas por causa de sua baixa autoestima ou carência, entretanto, isso não passa de uma mentira, pois, conforme destaca Silva (2010) eles têm na personalidade traços bastantes fortes que estão associando de se sentirem poderoso, de serem os líderes do ambiente escolar.

Diante disso, algumas características são essenciais para identificarmos um agressor no cotidiano escolar, entre elas está o desejo da atenção, às atitudes agressivas. Conforme Fante (2005, p.73) destaca, o praticante de *Bullying*, em geral, é

[...] impulsivo, irrita-se facilmente e tem baixa resistência às frustrações. Custa adaptar-se às normas; não aceita ser contrariado, não tolera atrasos e pode tentar beneficiar-se de artimanhas na hora das avaliações. É considerado malvado, duro e mostra pouca simpatia para com suas vítimas. Adota condutas antissociais, incluindo o roubo, o vandalismo e o uso de álcool, além de ser atraído por más companhias.

Além dos comportamentos mencionados por Fante (2005), os praticantes têm o gosto de agredir e magoar os sentimentos do outro, sem mencionarmos aspectos de sentir-se poderoso e dominador, que são os primeiros indícios para percebemos as mudanças no cotidiano escolar. Silva (2010) ainda destaca que eles apresentam, desde cedo, aspectos contra as regras da sociedade, repudiam ser contrariados ou

humilhados, como citado anteriormente, desenvolvem desejo de sentir-se poderoso e dominador.

Para percebermos se o *Bullying* está ocorrendo no cotidiano escolar, existem alguns comportamentos típicos para que reconheçamos as vítimas e os espectadores, e os praticantes.

O agressor, além do poder de dominação presente em suas características, é o indivíduo que, frequentemente, procura nas suas relações uma forma de descontar suas frustrações, por não possuir, por exemplo, um bom relacionamento afetivo com sua família, ou até de presenciar pais agressivos e autoritários.

Fante (2005, p.73) aponta que o agressor pode ser “considerado malvado, duro e mostra pouca simpatia para com suas vítimas. Adota condutas antissociais, incluindo o roubo, o vandalismo e o uso de álcool, além de ser atraído por más companhias”. A identificação dos agressores parte inicialmente de atitudes que ao longo do período se tornam visíveis, ou seja, os agressores, tanto no ambiente escolar quanto no ambiente doméstico, apresentam um comportamento típico que pode facilitar sua identificação.

Por sua vez, Silva (2010) apresenta outros comportamentos para podermos identificar os *Bullies* no ambiente escolar: As ações começam com brincadeiras de mau gosto, seguindo de gozações e provocações. Em seguida, colocam apelidos difamatórios e ridicularizantes nas vítimas, com a intenção maldosa. Fazem ofensas a alguns alunos sem se preocupar com as consequências de suas ações. Praticam agressões físicas e extorsão das vítimas, intimidando-as. Já em seus lares, as ações com os pais e irmãos, são desafiadoras e agressivas, apresentando um comportamento de autoridade, de se sentir poderoso sobre seus responsáveis. Não respeitam as idades das pessoas, fazem manipulações para não ser envolvido nas suas próprias confusões. Com tudo isso, ainda apresentam maneiras arrogantes de vestimentas e de comportamento. Suas ações, quando repreendidas, reagem como se nada estivesse acontecido ou acontecendo, hábito de manipular as pessoas.

As características das vítimas, geralmente, se manifestam em atitudes retraídas, não possuem muitos amigos e pouca ou quase nenhuma socialização com os outros colegas, isto é, essa é a vítima típica. O *Bullying* além de desenvolver diversos sintomas prejudiciais ao aprendizado, prejudica seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Conforme Fante e Pedra, (2008, p.84)

[...] o *Bullying* pode mobilizar ansiedade, tensão, medo, raiva, irritabilidade, dificuldade de concentração, déficit de atenção, angústia, tristeza, desgosto, apatia, cansaço, insegurança, retraimento, sensação de impotência e rejeição, sentimentos de abandono e de inferioridade, mágoa, oscilações do humor, desejo de vingança e pensamentos suicidas, depressão, fobias e hiperatividade, entre outros.

Entretanto, além da vítima típica, como é caracterizado pelos agressores, existe a vítima provocadora, isto é, segundo Fante e Pedra (2005, p. 59), “são aqueles alunos que agem impulsivamente, provocando os colegas e atraindo contra si reações agressivas, contra as quais não conseguem lidar com eficiência”. Em outras palavras, são alunos que não aceitam ser humilhados ou provocados pelo agressor e tentam se defender para tentar minimizar o problema que enfrentam. Ainda, dentro do círculo vicioso das vítimas, há a vítima agressora, que além de sofrer as agressões, as pratica com os colegas mais fracos.

Silva (2010) nos traz alguns comportamentos típicos para identificar as vítimas, principalmente para o ambiente escolar, lugar onde as ações mais ocorrem. Os primeiros sinais que a vítima apresenta é o isolamento, isto é, preferindo lugares com poucas pessoas ao redor ou perto de algum adulto, para não sofrer agressões e intimidações. Na sala de aula, apresentam um comportamento retraído, são pessoas com uma aparência triste, com o tempo, apresentam desinteresse pelo aprendizado e deixam de frequentar as aulas, tendo faltas frequentes e, em alguns casos, perdem seus pertences e chegam com contusões pelo corpo. No ambiente doméstico, as vítimas, frequentemente apresentam justificativas para não frequentar o ambiente escolar sendo, muitas vezes, mais intensos perto do início das aulas. Possuem constantes mudanças de humor, poucos amigos, preferindo não compartilhar atividades fora do ambiente escolar e, por fim, são descuidadas com as tarefas das aulas.

Outra parte desse círculo vicioso, são os espectadores ou testemunhas silenciosas, isto é, são alunos que percebem diariamente no cotidiano escolar as ações de *Bullying*, entretanto não tomam atitude para acabar com a violência, por medo de se tornarem as próximas vítimas. Silva (2010, p. 51) destaca que:

Os espectadores não costumam ter um comportamento tão marcante. A identificação deles depende de observações mais frequente e cuidadosa, pois seu comportamento não costuma apresentar sinais explícitos que denunciem a situação que está vivendo. Tendem, em ambos os ambientes (na escola e no lar), a se manter calados sobre o que sabem ou presenciam. Os mais ansiosos ou sensíveis contam casos e histórias de *Bullying*, mas negam que sejam reflexo de sua vivência escolar. Quando indagados,

disfarçam citando cenas de filmes, novelas, seriados ou histórias da internet como a origem principal de seus comentários.

Com base em Silva (2010) percebemos que muitos dos espectadores são indivíduos que apoiam e torcem para não se tornarem a próxima vítima ou aqueles indivíduos que se juntam aos agressores, não atuam ativamente como o agressor, entretanto, acabam se divertindo junto com as ações do *Bullies*, ou os espectadores que não apoiam as ações, mas não conseguem expor o que está acontecendo, porque recebem constatações de ameaças dos agressores. Oliveira (2014, p.10)

As consequências do *Bullying* afetam todos os envolvidos, e os prejuízos podem sofrer efeitos na vida adulta, nas relações familiares e de trabalho, além de afetar a saúde física e mental, o desenvolvimento da inteligência e interferir na capacidade de aprendizagem e na socialização. Ressalta-se que cada indivíduo reage de uma determinada maneira e depende muito de sua estrutura psicológica [...].

Por fim, os principais comportamentos típicos dos espectadores dependem mais das observações e cuidados com os comportamentos frente aos demais alunos, visto que não são fáceis de distingui-los.

Fante (2005, p.174) sublinha que “[...] sendo a família o modelo primeiro de socialização, ela deveria constituir um modelo positivo para a criança, uma vez que o registro de suas primeiras experiências emocionais surge da relação de afeto com as figuras materna e paterna”. Em vista disso, a família é a base para um desenvolvimento e deve ser uma referência mais relevante para a formação dos indivíduos. Fante e Pedra (2008) ainda apontam que é no ambiente familiar que o indivíduo aprende, no seu convívio diário, as relações interpessoais, a respeitar e a valorizar as diferenças alheias, além de compreender seus sentimentos e controlá-los. O autor ressalta ainda a importância de desenvolver mecanismos, atitudes e valores humanistas para o desenvolvimento social.

Conforme o exposto até aqui, o *Bullying* provoca grandes consequências, principalmente na vítima, visto que é a mais afetada pelas ações dos *Bullies*. Segundo Calhau (2010), o estresse é o responsável por 80% das doenças, entre outras doenças físicas, sociais, cognitivas e emocionais que afetam as vítimas. Em casos mais graves podendo chegar até ao suicídio pelas altas agressões físicas e emocionais, que vive constantemente no cotidiano escolar.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, no artigo 5º, “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação,

exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (BRASIL, 1990). Segundo Calhau (2010), qualquer violação ao disposto na lei, podem originar aos pais/responsáveis do agressor, penas trabalhistas, administrativas, civis ou criminais, dependendo das consequências físicas, emocionais, cognitivas ou sociais que foi ocasionado à vítima, principalmente a violência física, visto que é umas das intimidações mais praticadas em suas vítimas.

As consequências do *Bullying* podem também ser físicas, emocionais, cognitivas e sociais, como já mencionadas anteriormente, porém, podem também prejudicar o aprendizado da vítima no cotidiano escolar. Carpenter e Ferguson (2011) destacam que as consequências físicas, além da vítima enfrentar constantemente o estresse, ela desenvolve um estado de alerta diário, ou seja, refletindo no sistema nervoso e prejudicando seu desenvolvimento imunológico, e deixando-a vulnerável a doenças e infecções.

As consequências emocionais são mais difíceis de serem percebidas, pois, além de as vítimas estarem em constante estresse físico, adquirem dificuldade para relaxar e acabam por internalizar as suas emoções. Além disso, entra em conjunto com as consequências sociais, ou seja, muitas vítimas sofrem em silêncio por medo de as ações se tornarem ainda mais agressivas e, com isso, acabam perdendo o convívio nas relações interpessoais cotidianas. Carpenter e Ferguson (2011) ampliam dizendo que quanto mais a vítima fica isolada, mais as chances das ações de *Bullying* se intensificam.

O *Bullying*, como já apontado, além das consequências físicas, sociais, emocionais, ainda prejudica o aprendizado da vítima. Carpenter e Ferguson (2011) apontam que a preocupação da vítima é estar em segurança e evitar as ações dos *Bullies*, com isso, se ausentam do cotidiano escolar e das atividades extracurriculares para permanecer em segurança. Com relação ao desenvolvimento das aprendizagens da vítima, é possível destacar que:

Quando suas notas começam a cair, os pais e professores começam a pressioná-la, seus níveis de estresse se elevam ainda mais. Em muitos casos, acaba sendo reprovada e até desiste de estudar. É lamentável constatar que um *Bully* tem o poder de ameaçar o futuro educacional e as oportunidades de vida de uma criança. Carpenter e Ferguson (2011 p.124)

Com base no posicionamento dos autores, ressalto que, em função da baixa autoestima e de se sentirem constantemente humilhadas, no futuro, muitas vítimas perdem oportunidades de empregos e são afetadas na sua profissionalização.

Para concluir, trago novamente Carpenter e Ferguson (2011), quando apontam que o *Bullying* deve ser trabalhado unindo forças da comunidade escolar, incluindo pais e alunos. A tolerância para finalizar as ações do *Bullying* faz parte da nossa cultura, isto é, somente com o trabalho de todos é que podemos modificar a realidade do ambiente escolar.

Uma escola que não admite a existência do *Bullying* em suas salas de aulas não tem como lidar com as situações difíceis que ele causa. Os pais que negam a realidade ao perceber que seu filho é *bully* só contribuem para o sofrimento dele. E uma sociedade que ignora o problema e permite que crianças continuem a maltratar umas às outras sofre todas as consequências disso. (CARPENTER e FERGUSON, 2011, p. 246).

As mudanças podem ocorrer, mas precisamos trabalhar em conjunto com muito esforço, dedicação e conhecimento sobre o que é *Bullying* e quais são as suas consequências. Não podemos trabalhar para resolver os problemas relacionados ao *Bullying* se não admitirmos que isso está presente no ambiente escolar entre os estudantes. Quando é identificado o problema, é preciso criar programas de conscientização, percebendo a extensão do problema e quanto é prejudicial ao desenvolvimento íntegro da vítima. Oliveira (2014, p.12) destaca que:

O ideal para um desenvolvimento saudável é que o ambiente seja participativo, equilibrado, onde os filhos sejam envolvidos na dinâmica familiar, com divisão de tarefas e responsabilidades, esbanjando afeto, obediência, diálogo e amor, também que haja regras e limites estabelecidos e que estas sejam cumpridas.

Com base nos aspectos mencionados por Oliveira (2014) ainda é importante destacar que os pais devem adotar práticas constantes de diálogos, momentos de interação entre a família, onde possam conversar abertamente sobre todos assuntos relacionados ao cotidiano da família. Temos o conhecimento que as constantes mudanças no mundo contemporâneo vêm afetando as relações familiares, porém é importante, que o ambiente familiar seja de amor e aceitação, e que as relações sejam de aprendizado constante. O papel da família, base para o desenvolvimento do indivíduo, é importante, porém, Oliveira (2014), amplia que cabe também a escola a responsabilidade para que essa realidade seja modificada, a fim de que as relações

interpessoais tenham mais qualidade, que as crianças e adolescentes desfrutem de um ambiente escolar o respeito as características individuais de cada um.

Fante e Pedra (2008) *apud* Oliveira (2014), salientam que os professores devem ser capacitados para que as metodologias de ensino desenvolvam e favoreçam as relações entre seus semelhantes e que o ambiente escolar seja de favorecimento ao aprendizado. As situações de conflitos devem ser abordadas desde a Educação Infantil, através de demonstrações lúdicas, enfatizando aspectos sobre as diferenças incentivando à cooperação, solidariedade e amizade. É fato que todo aluno tem o direito de aprender e conviver em um lugar, onde sua segurança não seja afetada. Se as ações de desrespeito, com atitudes agressivas e desagradáveis, afetam todos os envolvidos no processo de ensino, isso provoca grandes consequências para os indivíduos.

Para concluir as abordagens conceituais a respeito da temática da pesquisa, na carta a seguir, a Carta Metodológica, desenvolverei as concepções metodológicas sobre a abordagem que foi utilizada para desenvolvimento da pesquisa, quais foram os procedimentos adotados na construção dos dados da pesquisa.

4 CARTA METODOLÓGICA

Após ter definido o tema do projeto e com o delineamento da proposta mais geral, é chegado o momento de detalhar os caminhos para o desenvolvimento da pesquisa, ou seja, é importante dizer por onde vou transitar para desenvolver as intenções de pesquisa anunciadas na carta introdutória. A palavra método deriva do latim “*methodus*” e tem significado de “caminho ou a via para a realização de algo”. Portanto, nessa carta denominada *carta metodológica*, vou detalhar a natureza da pesquisa, o procedimento escolhido para observar a realidade do *Bullying*, ou seja, o uso de *Cartas* trocadas com os interlocutores empíricos, aqui considerados os sujeitos da pesquisa, com os autores que tratam do *Bullying* teoricamente, e com a minha orientadora. Por último, descrevo a amostra da pesquisa e os sujeitos que colaboraram no estudo com suas palavras e experiências em torno do *Bullying*.

Começo situando o tipo e a natureza da pesquisa que desenvolvi. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, sem a pretensão de generalização, com características descritivas e analíticas. Além disso, não posso prescindir de uma revisão bibliográfica, por isso, recorro a autores que tratam do *Bullying*, por exemplo, Carpenter e Ferguson (2011), Felizardo (2011), Calhau (2010), Silva (2010), entre outros que contribuíram com seus apontamentos para o estudo desta pesquisa.

Quanto aos sujeitos participantes da pesquisa, por se tratar de uma pesquisa de natureza qualitativa, trabalho com uma amostra aleatória, ou seja, com tantos sujeitos quantos se dispuseram a colaborar no tempo de desenvolvimento do projeto de pesquisa. Considero as narrativas das vítimas diretas do *Bullying*, dos praticantes do *Bullying*, familiares que tiveram seus filhos vítimas do *Bullying* e da escola que presencia atos de *Bullying* em seu cotidiano.

As cartas de aula tematizadas por Pedro e Stecanela (2019) foram a inspiração para me valer desse recurso para o desenvolvimento do trabalho e, claro, também as cartas trocadas com minha orientadora. Segundo essas autoras, “a comunicação escrita pode facilitar a organização das ideias e a percepção dos aprendizados em uma dimensão de metacognição” (2019, p. 4). Tendo isso presente, essa pesquisa também possui aspectos autobiográficos, tanto da autora do trabalho quanto dos interlocutores empíricos, que emprestam suas palavras, a partir das cartas trocadas como suporte para abordagem de pesquisa.

Com base nos aspectos acima descritos, o uso das cartas foi o procedimento escolhido, tem como fundamento o gênero textual carta, no qual, me senti mais confiante para desenvolvimento dessa pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, descrevendo, narrando e delineando os caminhos para desenvolvimento do projeto. Para compreender um pouco do papel da carta como um procedimento metodológico em uma pesquisa, destaco alguns autores que fizeram parte desse processo de construção da identidade desta pesquisa, por exemplo: Nilda Stecanela e Joanne Cristina Pedro.

Destaco que as trocas de cartas fizeram com que os sujeitos empíricos trouxessem de modo mais próximo as suas experiências com o *Bullying*.

As trocas de cartas, propõem, ainda, aos interlocutores empíricos e a autora da pesquisa, descobrir outros caminhos para compreender a temática central da pesquisa em desenvolvimento. As cartas, conforme descrevem Stecanela e Pedro (2019, p. 5), envolvem a “capacidade descritiva e reflexiva na escrita”. Trazendo a ideia da troca de cartas para essa pesquisa posso dizer que essa abordagem metodológica tem o potencial de promover a interatividade e a integração entre os interlocutores de cada carta, entre o emissor e o destinatário e vice-versa.

As trocas de cartas tiveram um grande potencial para o desenvolvimento desta pesquisa, pois, ao trabalhar com o tema do *Bullying*, onde diversas vítimas são descobertas a cada dia de um cotidiano escolar, “(...) os sujeitos tomam consciência de si e de suas aprendizagens, passando a desempenhar, simultaneamente, o papel de atores e de investigadores da própria vida” (STECANELA, 2012 p.25). Em outras palavras, as vítimas desencadeiam um potencial nas escritas, traçando potencialidades nas suas descrições acerca dos acontecimentos que foram presenciados durante a educação básica. As trocas de cartas trazem ainda outras formas de comunicação, pois emergem grandes descobertas, distantes da forma tradicional de escrita, permitindo uma aproximação maior entre o interlocutor empírico e a autora da pesquisa, trazendo um significado maior ao resultado final do trabalho desenvolvido.

No próximo item deste Trabalho de Conclusão de Curso, na “Carta Fragmentos da experiência com o *Bullying*”, os sujeitos e a amostra da pesquisa, serão apresentados e analisadas as narrativas dos interlocutores empíricos, ou seja, destacarei os principais relatos a respeito das abordagens que transcorreram durante o processo das trocas de cartas, além dos aspectos destacados pelas vítimas,

praticantes, escola e por último, a família. Em uma abordagem mais geral, quem são e quais as experiências que tiveram em relação ao *Bullying*.

Apresentando os colaboradores da pesquisa

Aproveito para dizer que não foi tarefa fácil encontrar pessoas para colaborar na pesquisa. Foram inúmeras conversas com as pessoas, mas poucas tinham o desejo de se pronunciar a respeito do que sofreram ou presenciaram no ambiente escolar. Conforme disse na carta projeto, precisei evocar e contar com minha rede de relações pessoais e com a rede de relações de minha orientadora. Felizmente, conseguimos dialogar através das cartas com duas vítimas, um familiar, dois praticantes e um professor que presenciou o *Bullying* na escola onde trabalhou.

Destaca-se que utilizaremos codinomes (apelidos) associados aos personagens da Turma da Mônica, do autor Maurício de Souza, para preservar a segurança e a identidade dos participantes da pesquisa. A Turma da Mônica foi a escolhida para os codinomes, pois no desenho infantil, em algumas edições, presenciamos cenas na qual são executadas ações de *Bullying*. A Turma da Mônica compõe uma coleção de história em quadrinhos, a qual retrata assuntos da sociedade sob os olhares dos personagens, por exemplo, quando o Cebolinha usa constantes apelidos pejorativos em relação à personagem Mônica e ela revida as ações com a violência. Além disso, outras ações, além das praticadas entre Cebolinha e Mônica, são executadas por outros integrantes da trama infantil insultando e estipulando os apelidos à personagem.

As vítimas

Começo então, por trazer os interlocutores que foram *vítimas do Bullying*.

Mônica, a primeira vítima que se disponibilizou a participar da pesquisa, é uma adolescente de 13 anos, residente na cidade Caxias do Sul/RS, estudou em várias instituições de ensino privadas e narra ter sofrido *Bullying* por diversas vezes e ao longo de sua trajetória escolar.

Mônica descreve que as situações começaram desde a pré-escola, com empurrões e apelidos pejorativos. As causas, segundo a participante, era por não estar nos padrões estipulados pela sociedade. Mônica descreve que em uma das

escolas que frequentou durante os primeiros anos de escolarização, as ações eram mais psicológicas e com isso afetavam sua autoestima, possuindo uma consequência para seu desenvolvimento e aprendizado durante o processo da escolarização.

A participante ainda relata que as adaptações nas novas escolas nunca foram boas, sempre ocorreram as ações de *Bullying*, entretanto, na escola onde estuda atualmente, os seus colegas lhe acolheram, não ocorrendo mais as práticas de violência. É interessante observar que as narrativas de Mônica reforçam o problema instalado na sociedade sobre o padrão de beleza e a não aceitação da diferença.

Os ambientes educacionais que a Mônica enfrentava o *Bullying* em seu cotidiano, para tentar resolver a situação, a família contatou a escola, que recrutou uma psicóloga para que os pais e a escola pudessem conversar sobre a situação que estavam presenciando no ambiente escolar. Entretanto, as conversas não surtiram em resultados, pois os pais da vítima ficaram com total responsabilidade de tentar finalizar a angústia de sua filha e a escola não efetivou atitude para conscientizar os estudantes a respeito do assunto, culminando com a decisão dos pais em optar por encontrar um outro ambiente educacional para que o aprendizado da vítima não fosse mais afetado.

A voz de outra vítima, Chico Bento de 19 anos, residente na cidade Caxias do Sul/RS, nos destaca algo bem relevante “as crianças reproduzem um comportamento e pensamentos que absorvem e veem em casa”, isto é, a relação com a família é a base para um bom desenvolvimento do indivíduo, as ações que acontecem dentro do ambiente familiar, refletem no comportamento da criança no cotidiano escolar, principalmente, nos primeiros anos de escolarização. Com Chico Bento não foi diferente, nas trocas de cartas ele descreve que, assim como no caso da Mônica, a vítima sofria com a não aceitação da diferença, pois Chico Bento se assumiu homossexual desde a adolescência.

Não podemos deixar mencionar que, durante todo o tempo que sofreu com as ações dos *Bullies*, ele se defendia, tanto verbalmente quando fisicamente, porém as marcas para a vítima, são bem profundas. No decorrer do tempo, Chico Bento relata que começou a sentir-se fora dos padrões estipulados pela sociedade e, com isso, começou a pensar que todas as suas ações eram erradas e que deveria seguir os padrões que a sociedade estipula. As ações contra Chico Bento, normalmente eram mais verbais com algumas ações físicas, entretanto, as ações verbais decorriam com

apelidos pejorativos e insultos à sua orientação sexual, fato que afeta muito a autoestima do indivíduo.

Os praticantes

Também é necessário apresentar a colaborada da pesquisa que se identifica como praticante do *Bullying*. Cebolinha, tem 22 anos, é residente na cidade de São Paulo/SP. É importante destacar que, a praticante, foi encontrada através das relações nos grupos das redes sociais. Além disso, a praticante comenta que muitas das ações realizadas contra seus colegas, foi por receio de ser vítima, ou seja, antecipando uma defesa. As ações, primeiramente, começaram por vingança às violências que eram feitas a uma colega, que jogava bola. Posteriormente, a praticante continuava a fazer as ações de *Bullying*, pela constante sensação de poder que sentia quando as ações aconteciam, ou seja, por mais que tinha conhecimento que as ações afetavam a autoestima da vítima, a sua escolha por praticar, vinha da sua constante sensação de poder, de se sentir o “centro das atenções”.

Também é necessário apresentar outra colaborada da pesquisa que se identifica como praticante do *Bullying*. Magali com 22 anos de idade, é residente na cidade de Caxias do Sul/RS. As questões dessa praticante vão além de somente ser fazer as ações de *Bullying*. Primeiramente, a praticante foi vítima de agressores, ou seja, ela sofria as ações por conta do cabelo (diga que tipo de cabelo), por ser uma garota inteligente na turma, e por fim, por participar de concurso de beleza. Magali destaca que apesar de ter sentido todas as angústias de ser vítima, ela utilizou as mesmas ofensas que recebia à uma colega de sala que era repetente, estava acima do peso e possuía dificuldade social. Apesar de saber que as ações eram maçantes para a vítima, a sensação de poder, assim como no caso de Cebolinha, era maior. Outro fato destacado por Magali, foi presenciar constantes brigas de relacionamento entre seus pais. Acredita que, por estar em estresse constante quando era vítima e quando era praticante, sua alternativa de sobrevivência era descontar suas frustrações no outro, descobrir uma forma de não sentir aquele sentimento de impotência no cotidiano contemporâneo ou de “ficar de mãos atadas”.

A família

A voz das famílias é representada por Dona Luísa, a qual relata como percebeu o *Bullying* que a filha estava sofrendo na escola e explica como procedeu para protegê-la. No início, Dona Luísa, relata que não percebeu as ações contra sua Mônica, só notou que algo estava errado quando as colegas fizeram uma festa e a menina não foi convidada. Não parando por ali as ações, no ambiente escolar, Mônica sofria com os insultos e os apelidos pejorativos da agressora.

Apesar de Dona Luísa procurar a escola para encontrar soluções para o caso, de nada adiantou, pois, o ambiente educacional apenas “tapava o sol com a peneira”, isto é, apenas eram feitas conversas, mas nenhuma ação era tomada para que o assunto fosse resolvido. Com isso, a família não teve outra alternativa, a não ser trocar Mônica de escola. Hoje, apesar de todo o sentimento e angústia vivenciados nos outros ambientes educacionais, Mônica relata que vai para o ambiente educacional motivada e possui um efetivo aprendizado.

A escola

Nas narrativas da escola, Milena destaca que observou a questão estética e os padrões de beleza muito ligados às práticas do *Bullying*. A obesidade é outro fator que vem influenciando as práticas de violência contra adolescentes e crianças. Para o ambiente educacional, questões envolvendo a prática de humilhações e violência fizeram com que discutisse a respeito das metodologias de ensino e aos conteúdos desenvolvidos na sala de aula, a fim de perceber as reais circunstâncias a respeito do efeito do *Bullying* na autoestima e no desenvolvimento das vítimas.

Para concluir a apresentação dos interlocutores empíricos, destaco que todas as vítimas sofrerem pressão psicológica, sem esquecer do estresse sofrido pelos praticantes, prejudicando seu aprendizado, desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Não podemos esquecer que as ações praticadas pelos *Bullies*, muitas vezes, são influenciadas pelas ações que são desencadeadas pelos familiares, ou seja, muitos presenciam no ambiente familiar as violências, e buscam no cotidiano escolar, relações emocionais para se sentirem em condições mais aceitáveis consigo mesmo.

Além das vítimas sofrerem, muitos praticantes sofrem em fazer esse tipo de ação, contudo, ainda influenciados pelo poder, a sensação é amenizada, mas não esquecida. As famílias e a escola têm papel determinantes, pois ao não conhecerem

ou não reagirem aos sinais da presença do *Bullying*, acabam contribuindo para a sua potencialização e crescimento. Por fim, reitero o alerta para os efeitos maléficos das ações de *Bullying*, e suas grandes consequências emocionais, cognitivas e sociais.

No próximo item, na Carta Fragmentos da experiência com o *Bullying*, estão detalhadas algumas considerações dos interlocutores empíricos, além dos destaques de alguns interlocutores teóricos que possuem produções de grande relevância para a construção dessa pesquisa.

5 CARTA FRAGMENTOS DA EXPERIÊNCIA COM O *BULLYING*

Nesta carta, trago os fragmentos da experiência com o *Bullying* narrados pelos participantes da pesquisa, outra tarefa muito difícil, pois tenho o desafio de analisar, interpretar e fundamentar os dados da pesquisa. Além disso, conforme o objetivo deste trabalho, procuro escutar a voz das vítimas, dos agressores, das famílias e da escola sobre a experiência com o *Bullying*, a fim de perceber os efeitos desse fenômeno no desenvolvimento e na aprendizagem de crianças e adolescentes, de modo a identificar elementos para sua prevenção.

Primeiramente, apresento uma análise vertical, com os fragmentos da experiência de cada interlocutor empírico que teve participação direta ou indireta com o fenômeno do *Bullying*, ou seja, as vítimas, os praticantes, a família e a escola. Em segundo lugar, procuro observar o que há de comum no conjunto das narrativas, ou seja, emito um olhar horizontal.

Começando pelo olhar pelas vítimas, o olhar vertical, observo que dois elementos se destacaram nas narrativas de Mônica e de Chico Bento, respectivamente, o *Bullying* praticado devido à obesidade como um elemento que foge aos padrões de beleza e à homossexualidade assumida desde a os primeiros anos de escolarização.

As trocas de cartas feitas com a Mônica, demonstram que a menina passou por constantes dificuldades com o *Bullying*, isto é, Mônica explica que as ações começaram desde os primeiros anos de escolarização na Educação Básica, isto é,

Eu sempre fui uma criança muito normal, alegre e feliz. Porém quando eu era pequena eu comecei a passar por dificuldades em questão de *Bullying*, desde os primeiros anos da escolarização eu era a vítima de vários casos de *Bullies* por ter por ter uma aparência física diferente do padrão estipulado pela sociedade. Eu sempre fui uma menina gordinha e não tinha um rosto tão bonito, mas isso não justificava o tanto de *Bullying* que eu sofria. (Mônica, 13 anos, vítima do *Bullying*).

O esclarecimento realizado por Mônica, comunica um aspecto bastante curioso, uma vez que a vítima acredita as que ações eram praticadas principalmente por não corresponder aos padrões estipulados pela sociedade, ou seja, a vítima descreve que por ter uma aparência física diferente das colegas, sofria com as humilhações e violências, diminuindo sua autoestima.

A sociedade contemporânea, vem estipulado ao público que sejamos reconhecidos, que precisamos da aprovação do outro para conviver e viver ou que

estejamos dentro dos padrões, caso contrário, não seremos integrantes dessa sociedade.

Eu achava que mudando de escola eu faria novos amigos, pois continuando na escola que estava, iria sofrer bem mais. As pessoas não gostavam de mim pelo fato de eu ser gorda, e por esse mesmo motivo que eu sofria *Bullying* nas escolas que frequentei. As minhas adaptações nas escolas nunca eram boas, mas nesta que estou hoje é diferente, fui acolhida e amada por todos. (Mônica, 13 anos, vítima do *Bullying*).

Mônica descreve ainda que, por mais fossem realizadas constantes transferências de escolas, as ações eram cada vez piores. Se permanecesse no ambiente educacional onde o *Bullying* era praticado, continuaria sofrendo com as violências físicas. Durante três anos as práticas violentas foram aumentando e agravando mais ainda as consequências para seu desenvolvimento emocional, cognitivo e social, já que alegava não querer mais ir à escola. Segundo Fante (2005, p. 61)

A presença do fenômeno constitui realidade inegável em nossas escolas, independentemente do turno escolar, das áreas de localização, do tamanho das escolas ou das cidades, de serem as séries iniciais ou finais, de ser a escola pública ou privada. Isto significa que o *Bullying* acontece em 100% das nossas escolas. Ele é o responsável pelo estabelecimento de um clima de medo e perplexidade em torno das vítimas, bem como dos demais membros da comunidade educativa que, indiretamente se envolvem no fenômeno sem saber o que fazer.

Chico Bento, narra um aspecto bastante curioso, uma vez que a vítima acredita que as ações eram praticadas principalmente pelo fato de ter se assumido um menino gay. Chico Bento, assim como Mônica, não estavam dentro do padrão esperado pela sociedade da homogeneização. Nas palavras de Chico Bento, há grandes concepções que podem ser considerados para compreender o porquê ocorrem as ações de *Bullying* dentro do ambiente escolar. Por exemplo, é relatado que as crianças, reproduzem o comportamento que presenciam no seu ambiente doméstico, correspondendo a um círculo vicioso. Mas você deve estar se perguntando, como círculo vicioso e como isso tem fator conciliável ao *Bullying*? Esse círculo vicioso é composto por ações sucessivas, não apresentam interrupção e são descritos como acontecimentos e consequências. Como destacado acima, Chico Bento sugere que as ações de *Bullying* que eram cometidas contra ele, poderiam estar vindo das convivências de dentro do seu ambiente doméstico, muito provavelmente, uma ambiente preconceituoso e julgador que não aceita a diferença.

As crianças reproduzem um comportamento e pensamentos que absorvam e veem em casa. Se são criadas com indiferença, falta de amor, atenção, importância, cuidado, carinho, sem diálogo, conversas e reflexões, apenas iram descontar todos esses sentimentos frustrados e dores, canalizando suas ações na minoria que é condenada, discriminada e marginalizada pelos valores, pensamentos e comportamentos sociais. (Chico Bento, 19 anos, vítima do *Bullying*).

Chico Bento relata que as ações de *Bullying* somente foram relatadas aos pais depois que saiu do ambiente escolar, pois acreditava que ele deveria aderir ao perfil heteronormativo, isto é, aderir ao padrão de convívio aceito pela sociedade

Com o passar dos anos eu comecei a adotar uma forma de pensamento de auto depreciação, comecei a pensar que a forma como eu me comportava, meu jeito de falar, minha postura e minha desinibição eram erradas. Comecei a achar que eu estava errado em ser quem eu era, e que eu deveria aderir a um padrão de comportamento "heteronormativo", sem deixar minha feminilidade e meus jeitos afeminados transparecerem. (Chico Bento, 19 anos, vítima de *Bullying*).

As ações, em ambos os casos, se sucediam mais em ações verbais do que físicas, porém, as duas vítimas relataram que chegaram a ter escoriações pelo corpo devido a algumas atitudes violentas. Um aspecto importante de ser destacado e com relação aos fatos comuns entre ambas as narrativas dos interlocutores empíricos, é o fato de serem praticados no ambiente educacional e de a equipe diretiva não ter reconhecido o fenômeno que estava ocorrendo. Os relatos das vítimas descrevem que, por mais que os casos fossem denunciados, nada efetivo foi realizado para desenvolver a empatia e conscientização da comunidade educativa.

No que tange ao que é comum no conjunto das narrativas, pode-se mencionar que pelo menos quatro categorias de análise podem ser destacadas, entre elas: (a) O motivo que leva à prática do *Bullying*, isto é, não estar dentro dos padrões da sociedade; (b) A temporalidade em que o *Bullying* é exercido ou sofrido no ambiente escolar; (c) Os modos como a escola reage à presença do *Bullying*; (d) Os modos como a família reage e intervém para proteção das vítimas e prevenção das recorrências. Nesse sentido, as palavras de Fante contribuem para compreender o fenômeno:

A conscientização e a aceitação que o *Bullying* é um fenômeno que ocorre, com maior ou menor incidência, em todas as escolas de todo o mundo, independentemente das características culturais, econômicas e sociais dos alunos, e que deve ser encarada como fonte geradora de inúmeras outras formas de violências são fatores decisivos para iniciativas bem-sucedidas no combate à violência entre os escolares (FANTE, 2005, p.91).

Para concluir, com base nas menções de Fante (2005) as ações de *Bullying* sempre ocorreram no ambiente educacional, mas dadas as circunstâncias dos tempos contemporâneos, as ações vêm se intensificando e pensando sobre esse assunto, é possível constatar que talvez a coisa mais difícil para uma vítima de *Bullying* seja falar.

Comunicar a escola ou a família de que está sendo vítima de *Bullying* requer primeiramente que a vítima identifique que está sofrendo *Bullying*. Ao não falar que é vítima de *Bullying* é uma forma de canalizar para si próprio as dores, os sentimentos e todas as situações de convívio diariamente.

Demonstrar segurança é uma forma da criança reduzir as chances de um agressor vir a escolhê-la como alvo. Os pais devem orientar os filhos a manter a postura firme, enfrentar os olhos do agressor não como afronta, mas para mostrar segurança e firmeza. Procurar ser sempre educado, desprezando as brincadeiras de mau gosto, mostrando ter coragem, não chorar, nem demonstrar tristeza. O choro pode ser sinal de fraqueza, por isso a criança deve manter o mais distante possível do agressor. (FOLLMANN, 2012, p.26)

O *Bullying* consegue silenciar uma pessoa, isto é, a impede de criar forças necessárias para pronunciar voz e evidenciar o que está sofrendo. O medo constante que acomete as vítimas, acerca e as impede de sair de uma espécie de bolha para falar sobre o *Bullying*, considerado como um problema social.

Procedendo nas análises sobre as cartas trocadas com os interlocutores empíricos, destaco as concepções da mãe da vítima. Dona Luísa que é mãe de Mônica, descreveu em suas narrativas que demorou a identificar que a filha estava sendo vítima de *Bullying*, pois as ações cotidianas da filha eram naturais, sem quaisquer mudanças significativas para perceber as ações de violência. As primeiras observações realizadas por Dona Luísa acerca de sua filha estar sendo vítima, ocorreram quando Mônica não foi convidada a uma festa de aniversário de sua colega de sala de aula.

Notei que algo estava acontecendo quando uma dessas colegas praticantes do *Bullying* fez uma festa de aniversário, convidou todas as meninas, menos minha filha. A tristeza estava estampada no rosto de minha filha ao me contar desse fato. Confesso que foi uma das piores dores que vivi, porque me senti impotente, refém de uma situação da qual não conseguia resolver. (Dona Luísa, Mãe de vítima de *Bullying*).

O evento do não convite para a festa de aniversário da colega fez com que Dona Luísa, mãe de Mônica, percebesse que algo não estava bem e que a escola deveria ser contatada. Sobre isso, Dona Luísa diz:

Após muito diálogo com a filha e tentativas de apaziguar a situação, entendemos que o melhor seria conversar na escola, pedir apoio, uma vez que a prática de *Bullying* estava começando a interferir no rendimento pedagógico. Marquei com a coordenadora, a psicóloga da escola, relatei alguns fatos e essas chamaram minha filha, que tremia na frente. Começaram a questioná-la sobre as atitudes dos colegas e o compromisso retornou para nós. Ou seja, eu teria de encaminhá-la a uma psicóloga, para ela saber lidar com a situação, e a minha filha teria de relatar os fatos de *Bullying* à equipe gestora cada vez que acontecesse. Neste momento, cogitei a possibilidade de ela trocar de turno, frequentar outra turma, mas a equipe da escola achou melhor esperar. (Dona Luíza, Mãe de vítima de *Bullying*).

Dona Luísa percebeu que, nem tudo é como se espera, pois, a equipe diretiva da instituição de ensino onde Mônica estudava, apenas manteve a situação ao nível da conversa, não efetivando nenhuma ação cabível para minimizar as constantes humilhações que Mônica vinha sofrendo. Por mais que a equipe diretiva da instituição descrevesse que as ações precisavam ser relatadas à direção, Dona Luísa almejava uma solução que conscientizasse a escola a respeito das ações de *Bullying*, pois somente o plano do relato na efetivaria a empatia e a conscientização dos colegas. Não obtendo a solução almejada, a família optou por transferir sua filha à uma outra instituição de ensino.

A família é uma organização social complexa, um microcosmo da sociedade, onde ao mesmo tempo se vivem as relações primárias e se constroem os processos identificatórios. É também um espaço em que se definem papéis sociais de gênero, cultura de classe e se reproduzem as bases de poder (Minayo et al., 1999, p. 83).

Dona Luísa foi o alicerce de Mônica, pois identificou a tempo o que a filha vinha passando e tomou atitude para retirá-la daquele contexto adverso. Sua opção se alinha ao elencado por Minayo (1999), pois, a família tem papel de relevância no processo do *Bullying*, principalmente quando o filho é vítima, pois, como destaca Oliveira (2019, p 163-164):

[...] são as boas interações familiares, mensuradas por vínculos fortalecidos, diálogos e afetos. Para a área da saúde, esse aspecto é relevante, principalmente para a atuação de equipes da Estratégia Saúde da Família, que podem executar ações nos domicílios com o objetivo de auxiliar pais e responsáveis a identificar estudantes vítimas ou agressores, [...] a família pode influenciar nas tendências individuais dos adolescentes que se engajam em situações de *Bullying*. Aspectos das interações familiares (boa comunicação, envolvimento afetivo e apego positivo com as figuras parentais) foram percebidos como fatores de proteção para o *Bullying*.

As transferências de instituições de ensino realizadas por Dona Luísa estampavam incerteza, já que, trocando sua filha de escola, a adaptação ao novo estabelecimento poderia prejudicar a aprendizagem da menina, já que entraria em um

ambiente com pessoas desconhecidas. Mantendo Mônica na instituição de ensino que frequentava, sua filha continuaria sendo vítima de agressões e humilhações, produzindo efeitos negativos cumulativos. Dona Luísa, faz um destaque de relevância que nos demonstra a importância da família no processo de *Bullying*:

Confesso que no novo espaço escolar, a parte de conhecimentos não é tão boa quanto à escola antiga, porém isso não importa para mim, porque vejo minha filha ir para a escola feliz, todos os dias, com amigos, ela é chamada para fazer trabalhos em grupo. Gostaria de dizer que a escola, realizou premiação de vídeos realizados pelos alunos, Mônica foi uma das finalistas. Acho que a experiência a ajudou a transformar isso em práticas positivas. Frequentemente, converso com ela e peço se situações como antigamente estão acontecendo ainda.

Ela me diz: - mãe, não existe mais *Bullying*. Isso era em outro lugar, com outras pessoas. Para mim, vê-la feliz é a maior realização, muito mais que boas notas. (Dona Luísa, Mãe de vítima de *Bullying*).

Concluindo as observações a respeito das narrativas da família, Dona Luísa, optou pela transferência, e nos dias contemporâneos, Dona Luísa salienta que por mais que a instituição de ensino anterior tivesse o grau de desenvolvimento pedagógico mais satisfatório, na instituição que se encontra hoje, as amizades realizadas e o aprendizado, estão mais enriquecedores, visto que, nesse ambiente Mônica se sente acolhida pelos seus colegas de sala.

Antes de fazermos as abordagens a respeito das narrativas da escola, precisamos compreender que as ações educativas vão além dos aspectos didáticos, mas aspectos relacionados a sociedade contemporânea, tais como, aspectos sociais e culturais, também atuam no processo educativo dos estudantes, além da base biológica e psicológica de cada indivíduo. Como salienta Silva (2010) a sociedade, dentro de milhares contextos, transmite as novas gerações de crianças e adolescentes, valores e modelos educativos, na qual, possam desfrutar e desenvolver-se na caminhada para convívio em sociedade como um indivíduo ético e responsável. Silva (2010, p. 57) ainda destaca que

As referências e os valores que guiam os comportamentos individuais e, conseqüentemente, as ações educativas dos alunos para os jovens, com frequência, entram em crise, porque também estão em crise os sistemas sociais, culturais econômicos e familiares que reproduzem a visão de mundo que esses sistemas refletem. Com isso, as novas gerações, muitas vezes, se ressentem de uma base sólida e segura sobre a qual elas possam se estruturar de forma gradual, e até mesmo, modificar suas próprias referências.

A interlocução de Silva (2010), nos destaca algo bem relevante para que tenhamos a compreensão a respeito das concepções que se encontram nos

pensamentos dos jovens e adolescentes que são vítimas ou agressores de *Bullying* no cotidiano escolar. Uma interlocutora empírica, participante das narrativas sobre o *Bullying* na escola, descreve um aspecto de relevância para iniciarmos as abordagens do *Bullying* na visão da escola.

Na escola, muitas situações de *Bullying* ocorrem com bastante frequência, independente da faixa etária das crianças/estudantes e da classe social. As mais frequentes se referem às questões de estética e padrões de beleza impostos pela sociedade e pela mídia. Questões relativas à obesidade aparecem com muita força, talvez mais força do que as questões de raça e gênero. Há um grande apelo nas redes sociais referentes às questões de estética e este apelo acaba gerando questões de *Bullying* e grande sofrimento para as crianças/estudantes. Muitas vezes estas situações de *Bullying* geram isolamento, desinteresse, agressividade e afetam diretamente as questões de aprendizagem dos estudantes na escola. (Milena, professora que presenciou o *Bullying* na escola).

As menções de Milena, nas narrativas da escola, demonstram que o ambiente educacional precisa atender às mudanças da sociedade contemporânea. Necessário também é modificar a organização escolar, os conteúdos abordados em sala de aula, bem como, os métodos de ensino, sem esquecer da mentalidade da educação formal. Até bem pouco tempo atrás, as menções educativas eram o único valor importante disponibilizado aos estudantes. Entretanto, nos dias de hoje, é preciso dar destaque à escola como um lugar de fundamental crescimento, com as bases interpessoais para o desenvolvimento cognitivo dos alunos. As mudanças são necessárias para que haja profundas transformações no ambiente escolar e familiar dos estudantes. (Silva, 2010). Destaca-se que pais e educadores devem estar atentos para as violências praticadas no ambiente educativo, sem esquecer ações cabíveis para desenvolver um programa de intervenção e conscientização e melhorar o caráter dos alunos. Para que um programa de prevenção e intervenção tenha um resultado efetivo é preciso muito mais do que apenas conhecimento a respeito do *Bullying*, é necessário que os estudantes tenham um ambiente familiar seguro e um método eficaz para que possam se comunicar sobre as violências.

Nas narrativas dos praticantes, Magali e Cebolinha, em ambas as abordagens comunicativas, relataram que foi por medo de ser vítimas que começaram a praticar as ações de violência, isto é, como destaca Carpenter e Ferguson, (2011 p. 97), “o aspecto mais interessante sobre o *Bully* que já foi vítima de maus-tratos é que ele tende a causar nas pessoas o mesmo tipo de sofrimento a que foi submetido”. Os praticantes que já foram vítimas, sabem exatamente como é o sentimento de serem humilhados e que as articulações e ofensas utilizadas para que seu alvo sinta o

mesmo sentimento que haviam sentido. Como é destacado por Cebolinha, a sensação de poder por estar praticando as ações eram maiores, embora possuísse conhecimento que as ações teriam consequências para a vítima.

Era uma sensação de poder, porque as pessoas tinham medo de mim, e as que estavam do meu lado, fazia tudo para estar perto, então eu me sentia, a dona da escola. (Cebolinha, 22 anos, praticante de *Bullying*)

Em seguida, Magali aponta que:

Antes de eu ser uma agressora, eu fui uma vítima, primeiro sofri por conta do cabelo, depois por ser a inteligente da turma e depois por participar de concurso de beleza. Acredito que toda essa minha raiva pelos demais colegas fez com que eu usasse isso de alguma maneira negativa, então comecei a fazer piadas com uma colega repetente, que era mais acima do peso e que tinha muita dificuldade social. Lembro que as vezes eu tinha pena dela, mas continuava xingando e cantando músicas para ela porque achava engraçado e, dessa forma, eu comecei a me enturmar mais. Deixei de ser a “menininha perfeita” e virei a “colega legal”. (Magali, 22 anos, praticante de *Bullying*)

Magali em suas interlocuções destaca que, durante sua infância, as ações como praticante também estavam ligadas à sua relação familiar, isto é, diversas discussões e violências eram presenciadas no seu cotidiano familiar. Devido sua afetividade deficitária, isto é, um apelo ao sentimento de sua família, buscava nas suas relações educativas suprir a demanda de afeto que não lhe convinha em casa.

Milena nos aponta algo bem pertinente com relação ao agressor e a relação familiar ou educativa.

Também não podemos deixar de lado as questões referentes à violência, muitas vezes já sofrida pelo agressor, que se manifesta na agressão imposta aos outros como uma forma de revidar aquilo que sofreu, impondo ao outro o sentimento vivenciado também por ele, em casa ou no grupo de relacionamento. O agressor geralmente traz um histórico de violência. (Milena, professora que presenciou *Bullying* na escola).

Com base nas menções de Milena, percebo que as ações que eram desenvolvidas no cotidiano escolar por Magali aconteciam, provavelmente, para suprir sua necessidade constante de atenção, já que em seu ambiente familiar suas expectativas não foram supridas por seus responsáveis.

Para concluir a descrição e análise das narrativas dos praticantes, é importante destacar que os agressores também foram vítimas, como mencionado anteriormente, mas como no ambiente educativos possuíam seguidores, e a sensação de poder supria as necessidades afetivas que eram defasadas do ambiente familiar, continuavam a praticar, mesmo trazendo-lhes consequências para si e para seu alvo.

Nas narrativas dos praticantes foi destacado os aspectos referentes às ações serem mais verbais, porém, para atraírem atenção para si, praticavam as ações físicas, trazendo-lhes mais atenção e as necessidades afetivas que não possuíam.

6 CONCLUSÕES

Para a conclusão desta pesquisa é preciso destacar que muitos dos interlocutores empíricos contribuíram para o conhecimento ambíguo a respeito das abordagens teóricas sobre o *Bullying*. As ações que foram desenvolvidas ao longo dessa pesquisa sintonizaram com as noções que já se tinha sobre as consequências do *Bullying* sobre a vítimas, entretanto, não se possuía o conhecimento a respeito do agressor, família e da escola.

Considerando que o *Bullying* por não ser um fenômeno natural do Brasil, e os casos mais alarmantes serem em países de outras localidades, é necessário que todos tenham conhecimento acerca do assunto, principalmente os pais e professores de uma instituição de ensino. É importante ressaltar as considerações promovidas ao longo desta monografia, isto é, as considerações sobre o fenômeno *Bullying* no contexto escolar, não são conclusivas, pois os fenômenos que giram em torno da prática de *Bullying* ainda são muito evidenciados pelos adolescentes no ambiente educacional.

Para encontrarmos soluções cabíveis para o fenômeno, primeiramente, precisamos compreender a amplitude dos fatores que fazem com que tenhamos diversas ocorrências nas escolas. Seguidamente, precisamos elaborar propostas fazendo a união da comunidade escolar, bem como a junção da equipe diretiva e professores da instituição, além da família, a fim de solucionar o problema que é encontrado nas escolas e encontrar caminhos para que o ambiente de aprendizagem seja de construção e garantia de segurança e igualdade de direitos.

O objetivo deste TCC em “escutar a voz das vítimas, dos agressores, das famílias e da escola sobre a experiência com o *Bullying*, a fim de perceber os efeitos desse fenômeno no desenvolvimento e na aprendizagem de crianças e adolescentes, de modo a identificar elementos para sua prevenção” e o problema de pesquisa “Como o *Bullying* interfere no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças/adolescentes, e como a escola pode atuar para que isso seja evitado”, bem como a metodologia escolhida com base na troca de cartas com os interlocutores empíricos, além da revisão de literatura realizada para o aprofundamento conceitual do fenômeno *Bullying*, possibilitaram identificar que:

a) Um dos principais motivos que leva à prática do *Bullying* é o apelo ao enquadramento nos padrões da sociedade;

Para as considerações sobre o motivo que leva à prática do *Bullying*, precisamos compreender que as vítimas, além de ter o seu desenvolvimento emocional e o desempenho escolar ser afetados, ainda enfrentam implicações ao desenvolvimento íntegro nas relações de convívio, sendo que muitas vítimas podem desenvolver transtornos e na vida adulta ainda experimentarem aflições intensas de uma vida estudantil sofrida com a violência.

A prática do *Bullying* agrava o problema preexistente, assim como pode abrir quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentais que, muitas vezes, trazem prejuízos irreversíveis. [...] observo que não somente crianças e adolescentes sofrem com essa prática indecorosa, como também muitos adultos ainda experimentam aflições intensas advindas de uma vida estudantil traumática. (SILVA 2010, p. 25)

Tanto as vítimas quanto os indivíduos que apresentam um comportamento mais agressivo precisam receber apoio necessário e adequado. Os comportamentos agressivos, manifestados desde os primeiros anos da Educação Básica, devem ser combatidos no ambiente educacional, juntamente com seus responsáveis, com intervenções que focalizem a construção individual.

b) É importante observar a temporalidade em que o *Bullying* é exercido ou sofrido no ambiente escolar, pois o fenômeno e as consequências do mesmo nas trajetórias das vítimas não surgem de uma hora para outra, mas, ao contrário, segundo as narrativas dos participantes da pesquisa, perduram por muito tempo.

Segundo BANDEIRA; HUTZ, 2012 p. 43,

As ações de prevenção contra o *Bullying* devem incluir em primeiro lugar o conhecimento, por parte de toda a comunidade escolar, acerca do fenômeno. Devem ser instituídas políticas públicas que priorizem a redução e prevenção do *Bullying* nas escolas de todo o país. É necessário investimento e treinamento de profissionais da área da educação para elaboração e execução de programas de prevenção ao *Bullying*. Torna-se necessária a tomada de consciência das graves consequências desse fenômeno que merece a atenção de pesquisadores, professores e profissionais que atuam nas escolas, pais e comunidade em geral

Nas menções feitas pelo autor, percebemos que as ações de prevenção contra o *Bullying*, devem ser realizadas não somente com os alunos, mas que com a equipe diretiva e professores para que possam participar de cursos de formações

sobre o assunto. Além disso, o assunto violência deveria ser incorporado à grade curricular dos cursos universitários, para que os profissionais de diversas áreas saibam como agir perante a violência que é presenciado no contexto escolar.

c) Os modos como a escola reage à presença do *Bullying*, segundo a pesquisa de campo realizada no presente estudo, indica que, muitas vezes, a escola não dá a devida atenção às vítimas, forçando, direta ou indiretamente, o afastamento da vítima e não o trabalho preventivo.

É preciso identificar a extensão para resolver o problema, ou seja, não pode resolver algo que não se tem conhecimento sobre a dimensão existente no contexto escolar. Silva (2010) destaca que as escolas estão atentas às mudanças do mundo contemporâneo e que estão procurando iniciar processos inovadores para suprir os novos desafios. Mas, isso ainda não é suficiente. São necessárias mudanças, não somente no contexto escolar, mas nos planos curriculares e na mentalidade de todos os envolvidos nos processos educativos.

Com base nas menções feitas por Silva (2010), é importante destacar que a escola deixou de ser apenas um ambiente de aprendizado, como era antigamente, agora é preciso dar destaque a escola como um ambiente no qual as interações são fundamentais para o desenvolvimento do estudante. Silva (2010) aborda ainda, que os jovens necessitam de profundas transformações no ambiente de aprendizagem e que essas transformações sejam realizadas em diversos aspectos do contexto educacional.

Assim, é necessária uma intervenção em que as diversas esferas do indivíduo sejam abordadas, a fim de que haja uma efetiva melhora na situação desses sujeitos. É papel da escola denunciar toda forma de vitimização e agressão, tanto física quanto psicológica, para que ela se constitua num espaço saudável de aprendizado. O fato de as escolas desconhecerem ou negarem a existência do *Bullying* pode acarretar problemas que ultrapassam o âmbito escolar, podendo se estender à esfera familiar e à esfera social, gerando complicações às diversas áreas de funcionamento do indivíduo. Por isso, é necessária a priorização de ações de prevenção nas instituições de ensino, público e/ou privado, objetivando a garantia da saúde e da qualidade da educação. (CALBO, 2009, p. 78-79)

As propostas de programas antibullying devem estar no currículo educacional das instituições de ensino, constituindo assim, uma redução nos comportamentos violentos de jovens.

d) Os modos como a família percebe e reage quando os filhos estão sofrendo o *Bullying* é determinante para a proteção das vítimas e prevenção das recorrências. Para Szadkoski (2010, p.57):

Existe apenas uma fórmula de podermos vencer a violência na escola: a aproximação dos pais dos alunos; o estreito convívio entre a escola e as famílias; [...]. Sem essa parceria a chance de uma escola sem violência é mínima e o objetivo principal da escola que é o ensino e a aprendizagem não será atendido.

Silva (2010, p. 69) salienta que os adultos precisam desenvolver um olhar mais atento para as atitudes cotidianas dos jovens e que algumas ferramentas devem ser utilizadas para intervir durante esse processo de violência sofrido pelas vítimas. O autor destaca que

O estímulo ao diálogo, a escuta atenta e empática, a construção de vínculos afetivos fortes, o desenvolvimento de uma reflexão crítica, o incentivo à participação familiar e escolar, a orientação para a responsabilização por si mesmos e pelos outros, a criação e a implementação de regras e o estabelecimento precoce (desde os primeiros anos de vida) de limites muito bem definidos.

Somente na posse e domínio de todo o conhecimento sofre o desenvolvimento dos jovens é que poderemos ser capazes de auxiliá-los no processo de um cidadão ético e solidário. (Silva, 2010). É preciso se unir para trabalhar contra o *Bullying* para ocorrer mudanças e que tenhamos uma sociedade com direitos iguais a todos.

Por fim, saliento que o desenvolvimento do trabalho contribuiu com minha trajetória acadêmica e de futura atuação docente, pois compreendi a necessidade de saber como intervir no processo de violência no ambiente escolar, especialmente sobre o *Bullying*. A escuta da voz dos principais envolvidos no processo – vítimas, agressores, família e escola – foi determinante para trazer à tona outras faces do problema que, muitas vezes, ficam encobertas nas dinâmicas escolares.

7 REFERÊNCIAS

Abramovay, Miriam; Neto, Miguel Farah; Melo, Rosa Virginia Araújo de Albuquerque; Roca, Maria Eugênia Carvalho de la; Monteiro, Claudio Dantas; Feffermann, Marisa; Carvalho, Luis Fellipe de; **conversando sobre violência e convivência nas escolas**. Rio de Janeiro: Flacso Sede Brasil, 2012. 83 p. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/flacso-br/20170905054515/pdf_37.pdf>. Acesso em: 21 out. 2019.

BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 35-44, June 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 Nov. 2019

BRASIL. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 12 out. 2019.

CALBO, Adriano Severo et al. **Bullying na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares**. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p. 73-80, dez. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000200001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 23 nov. 2019.

CALHAU, Lélío Braga. **Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão**: Inclui cartilhas de orientação para pais, filhos e educadores. 2. ed. Niterói, RJ: Impetus, 2010. 160 p.

CARPENTER, Deborah; FERGUSON, Christopher J. **Cuidado! Proteja Seus Filhos dos Bullies**. São Paulo: Butterfly, 2011. 280 p.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz** 1ª. Ed, Campinas: Verus, 2005.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying Escolar: Perguntas e Respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008. 132 p.

FELIZARDO, Aloma Ribeiro. **Bullying Escolar: Prevenção, intervenção e resolução com princípios da justiça restaurativa**. Curitiba: InterSaberes, 2017. 300 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, et al. **Fala Galera. Juventude, Violência e Cidadania na Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999. 240 p.

STECANELA, Nilda; PEDRO, Joanne Cristina . A relação pedagógica mediada por cartas de aula: rotas dialógicas e ecos de uma experiência no Ensino Superior. In:

Nilda Stecanela; Andréia Morés. (Org.). Diálogos com a educação: cenários da formação e da atuação docente. In: STECANELA, NILDA; MORES, Andreia (Org.). **Diálogos com a educação: cenários da formação e da atuação docente**. 1. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2019. 272p. v. 4, p. 26-44.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Fontanar, 2010. 188 p.

STECANELA, Nilda. **A pesquisa com jovens privados de liberdade: desafios e possibilidades**. In: STECANELA, Nilda (org.). Ler e escrever a vida: trajetórias de jovens em privação e liberdade. Caxias do Sul: EDUCS, 2012. (p.23-46).

SZADKOSKI, Clarissa Maria Aquere. VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS. In: (ORG.), Maria da Graça Blaya Almeida. **A VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010. p. 50-58.

Disponível em:

<<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1463/A%20viol%C3%Aancia%20na%20sociedade%20contempor%C3%A2nea.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

OLIVEIRA, Juliani Sueke de. **Bullying: algumas contribuições para o enfrentamento desse fenômeno no 7º Ano do Ensino Fundamental**. 2014. 29 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro, Guarapuava, 2014. Disponível em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unicentro_ped_artigo_juliani_sueke_de_oliveira.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de *et al.* Percepções de estudantes sobre *Bullying* e família: um enfoque qualitativo na saúde do escolar. **Cad. saúde colet.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 158-165, June 2019. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-462X2019000200158&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 Nov. 2019

MAURO, Margarete Gabarron. **Bullying: Pensando alternativas e propostas para combater essa violência no contexto escolar**. 2011. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Estadual de Maringá-UEM, Maringá, 2011.

Disponível em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_uem_ped_pdp_margarete_gabarron_mauro.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019.

8 APÊNDICES

Primeira carta de aula da orientadora - 03 de agosto de 2019.

Olá, Ivana!

Conforme escreve no WhatsApp, no mural do AVA do TCC e na mensagem instantânea enviada, estou muito feliz com a possibilidade de fazermos o percurso do teu TCC juntas.

Através dessa primeira carta, envio algumas orientações para começarmos a desenhar teu projeto de pesquisa de TCC. Veja que uso “cartas de aula” como gênero textual para comunicar as orientações e para substituir o tradicional plano de aula.

Considero importante nos conhecermos um pouco.

Em uma *dimensão profissional*, posso dizer que sou uma professora realizada com a profissão. Atuei 33 anos na Educação Básica da rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul como professora de Ciências, Matemática e Ensino Religioso em escolas da periferia nas funções também de diretora e coordenadora pedagógica. Por dois períodos, atuei na Secretaria Municipal de Educação de Caxias do Sul, como assessora e coordenadora pedagógica e como secretária adjunta. Estou na UCS há 17 anos. Por um longo tempo, atuei concomitantemente na escola e na universidade. Nas licenciaturas e, especialmente, no curso de Pedagogia, atuei com as disciplinas de Didática, Metodologia de Ensino, Avaliação na educação, Análise Crítica da Prática Docente, Jovens e cotidiano na educação contemporânea, Educação e o cotidiano escolar e não escolar, entre outras. Também atuo, desde 2009, no Programa de Pós-Graduação em Educação, nos cursos de Mestrado e Doutorado e oriento pesquisas sobre o cotidiano da educação em um recorte cultural e histórico do tempo presente, especialmente no período pós constituição de 1988. Sobre minha formação, você pode recorrer ao meu currículo lattes, mas antecipo que cursei duas Licenciaturas, em Ciências Exatas e em Biologia. Também cursei uma especialização em Gestão do Ensino na Educação Básica, Mestrado em Educação, Doutorado em Educação. Também fiz estágio de pós-doutorado na Universidade de Londres. Atuei como diretora do antigo Centro de Filosofia e Educação, como Pró-Reitora de pesquisa e Pós-graduação e, hoje, estou na Pró-Reitora Acadêmica. Ah, já ia esquecendo. Ainda estou estudando, concluindo um MBA em Gestão do Ensino Superior.

Mas, acima de tudo, o que considero mais importante ressaltar é que sou uma professora feliz e realizada, em todos os níveis e modalidades de ensino em que atuei.

Em uma *dimensão pessoal* sou, também, uma mãe feliz, com Bruna e Bianca, minhas filhas, que me produzem muito orgulho e afeto. Há também a relação com os meus pais e irmãos que costumo socializar em conversar informais na sala de aula. Produzo uma narrativa sobre isso em um texto que gosto muito, “A escolha do método e a identidade do pesquisador”, no qual falo da história de um pessegueiro. Se tiver curiosidade, sugiro acessar o livro na Biblioteca virtual e ler o capítulo que eu escrevo nele². Nos nossos encontros presenciais, poderemos trocar mais detalhes.

Você deve estar se perguntando o porquê estou narrando tudo isso! Pois bem, vamos passar um semestre juntas, compartilhando os dilemas e as alegrias que é o desenvolvimento de um projeto de pesquisa. Então, precisamos construir os vínculos, por isso, nessa primeira carta, vou desafiá-la a escrever uma *Carta resposta à Carta de aula orientativa um*.

O que escrever nessa primeira carta resposta? Bem, eu gostaria de te conhecer um pouco mais. Fale de você, de seus percursos pessoais, acadêmicos e profissionais. Não se preocupe, fale apenas do que considerar importante, pois sempre vamos complementar nossos diálogos escritos com nossas narrativas orais, nos encontros presenciais.

O que mais escrever? É importante falar de tuas motivações para o tema que você sinalizou para o desenvolvimento da pesquisa de TCC, ou seja, o Bullying. Para te ajudar a complementar essa parte da escrita, organizei algumas perguntas que poderão contribuir para o cercamento, exploração e definição do foco do objeto a ser investigado. Responda as questões que segue na forma de texto sem a necessidade de colocar pergunta e resposta, mas contemple a descrição da pergunta no âmbito de sua resposta. Seguem as questões:

- 1) Qual é o tema da pesquisa que pretendo desenvolver?
- 2) O que eu gostaria de saber sobre o tema da pesquisa que me proponho a desenvolver?
- 3) O que eu já sei sobre o assunto?
- 4) Por quê esse assunto me mobiliza?

² STECANELA, Nilda (Org.) . Diálogos com a educação: a escolha do método e a identidade do pesquisador. 1ª. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2012. (p. 15-32)

- 5) O que eu pretendo esclarecer com a pesquisa sobre este tema?
- 6) Que hipóteses eu tenho sobre o assunto?
- 7) Que pergunta eu gostaria de responder com o desenvolvimento desse projeto?
- 8) Em sua opinião, diferentes grupos de pessoas têm diferentes opiniões, por exemplo, a visão dos professores é diferente da visão dos estudantes? E, no caso do Bullying, a visão de quem pratica é diferente de quem sofre Bullying?
- 9) O que a literatura diz sobre o tema?
- 10) Como pretendo desenvolver a pesquisa sobre esse tema?
- 11) Quem pretendo escutar para saber mais sobre o tema?
- 12) Para quem pretendo divulgar os resultados dessa pesquisa?

Ivana, se você prestar atenção, as perguntas acima colaboram na construção do teu projeto de pesquisa de TCC. Ao respondê-las, na forma de texto, você estará construindo parte da justificativa, do problema, dos objetivos, do método e dos referenciais.

Minha sugestão é que você procure fazer uma escrita espontânea, sem se preocupar em pesquisar em textos para responder, tampouco em se preocupar se está certo ou errado. Vamos fazer nosso percurso, passo à passo e de modo reflexivo e cooperativo.

Por fim, se você quiser saber mais sobre esse recurso ao uso de cartas de aula para comunicar os planos de aula, eu poderei compartilhar um texto que assino com Joanne, minha orientanda de doutorado, no qual descrevemos e analisamos isso, por meio das *Cartas de aula* trocadas com os participantes da disciplina Análise Crítica da Prática Docente, no primeiro semestre de 2017.

Espero que aprecie esse nosso modo de comunicação. Talvez, possamos usar isso para a escrita do projeto e inovar nos modos de comunicar uma pesquisa.

Por hora, um afetuoso abraço. Nilda

Carta resposta à primeira carta da orientadora - 06 de agosto de 2019.

Olá Prof. Nilda!

Conforme conversamos, fico lisonjeada em ser sua orientada de TCC, e adquirir mais conhecimentos alguém que tem uma bagagem enorme de conhecimento.

Acredito que a coisa mais complicada de escrever é retratar sobre sua vida, por incrível que pareça, são aspectos que me trazem lembranças, alguns momentos bons, outros nem tanto. Agora, como decidir e descrever quem eu sou? Tudo começa quando nossa mãe escolhe nosso nome, isso já me aliviou, pois me odiaria por odiar meu nome. Me chamo Ivana, tenho 22 anos, sou uma pessoa insegura, sou bastante persistente nos meus sonhos e não desisto fácil do que almejo. Como já disse, meu nome é Ivana, meio estranho, confuso, é difícil as pessoas dizerem, que simples! Já cansei de ser chamada de Silvana, Ivania, o mais clássico.

Terminei a educação básica com 17 anos, e como não tinha certeza do que gostaria de ser no futuro, optei por não ingressar em uma universidade sem ter certeza do que almejava. Meus quase 20 anos chegarão e com eles decisão do que eu faria da minha vida, nada muito simples, só precisava decidir o que ser no futuro, até ser tão velha que os dedos já não conseguiriam se mexer por causa da idade. Após várias noites pensando e tentando decidir meu futuro, optei por ser pedagoga, fazer o que ao meu ver, formaria pessoas conscientes, apesar de a minha família ser formada por muitas pedagogas.

Trabalhei durante quatro anos como auxiliar administrativa em um escritório de representante na cidade de São Marcos, onde nasci e sou residente atualmente. Fazem um ano e meio que estou trabalhando de estagiária em uma escola de educação infantil com crianças de seis meses até três anos e 11 meses. E hoje não me vejo fazendo outra coisa a não ser trabalhar com as crianças. Percebo que estou na profissão correta, quando chego na sala de aula e sou recebida com beijos e abraços por crianças que muitas vezes não possuem muitas condições amorosas e financeiras em casa, sei que isso não é algo que importa, mas mesmo assim, eles não medem esforços para tirar um sorriso ou até uma lágrima de alegria nos dias que precisamos de um abraço ou de um simples “oi” desengonçado. Estou na graduação em licenciatura em pedagogia há quatro anos, mais especificamente no 8º semestre, meu penúltimo semestre na UCS.

Percebi que queria ser pedagoga, quando notei que as crianças não estão mais iguais a minha época, que a juventude delas veio desde muito cedo, que os adultos não conseguiam mais controlar as crianças ligadas no 220V durante 24 horas por dia, que os mesmos adultos que não conseguiam mais controlar as crianças, tinham tanta bagagem por causa da vida. Pensei em ser Pedagoga principalmente

pelo fato de poder ver as crianças com um brilho no olhar por ter aprendido, ter um grande conhecimento em suas mentes, poder mudar o futuro delas.

Mas, acima de tudo isso, sou uma pessoa feliz. Na dimensão pessoal, tenho um namorado, Eduardo, na qual já estou a sete anos juntos, e que temos uma relação de muito companheirismo e cumplicidade.

Quando percebi que estava no final da graduação, comecei a pesquisar temas para trabalho de conclusão de curso, e o tema que mais me chamou a atenção foi com relação ao bullying, por se tratar de um tema, que ao meu ver, envolve aspectos que eu presenciei e vivi, e acredito que o bullying é algo que não se pode ser esquecido ou até deixado de lado, pois, milhares de crianças/adolescentes sofrem diariamente com as ações dos agressores. Então, pensando em tudo que acontece nos ambientes escolares, principalmente, meu tema de pesquisa que pretendo desenvolver é como o bullying interfere no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças/adolescentes, e como o pedagogo pode fazer para que isso seja evitado.

As concepções que já tenho sobre o bullying são situação que se caracterizam por agressões intencionais e contínuas, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas. Os agressores tendem a praticar o bullying principalmente para se sentirem mais populares, sentir-se poderosos perante aos demais colegas, e a escola, e também a obter uma boa imagem de si mesmo. As principais causas do bullying, são aspectos de vergonha e por não se sentir capaz de fazer determinada ação/atividade. Alguns agressores chegam a praticar ações machucando colegas e agredindo fisicamente. Muito dos estudantes que são agredidos, ao longo do percurso da vida, podem até cometer suicídio por não acreditarem no seu potencial.

Desde a educação básica, sempre fui uma menina que todo mundo tirava para perturbar, e me lembro vagamente, de muitas vezes, receber apelidos maldosos e ver meus colegas agredindo fisicamente e verbalmente outras pessoas. Eu nunca fui de deixar quieto, sempre revidava, até que um dia, agredi uma colega de turma e a direção da escola me suspendeu por 1 dia. Nunca contei aos meus pais, isso deixaria eles furiosos comigo. Contudo, a suspensão não doeu tanto em mim, o que mais doeu foi saber que a direção da escola, além de perceber que as agressões físicas e verbais estavam acontecendo, optaram por me suspender, em vez da colega da turma que estava fazendo as agressões em mim. Para mim, as agressões que estavam fazendo era só porque eu era mais retraída, não era popular na escola como os outros, sempre

fui uma adolescente que gostava de ficar na minha, e nem de estar com muitas pessoas ao meu redor, preferia ficar em casa a sair e encontrar gente no final de semana. Adorava passar meus dias no campo com meus avós e não ter hora para nada ao mesmo tempo. E quando comecei a fazer tratamento para depressão, após minha avó ter falecido, comentei com a psicóloga o que estava acontecendo no meu ambiente escolar, e ela me falou que eu deveria denunciar, que aquele tipo de agressões eram indícios de bullying, e que não era correto o que estava acontecendo. Quando a psicóloga chamou meus pais para conversar, meus pais foram até a escola e descobriram que havia sido suspensa, mas meus pais sabiam, que algo estava errado naquilo, e quiseram saber a verdade do que havia acontecido. Quando contei a verdade aos meus pais, eles foram e conversam na escola, mas a escola de nada fez, simplesmente fechava os olhos. As ações contra mim pararam, mas eu via outros alunos sofrendo as mesmas ações que eu havia sofrido, e não podia fazer nada, e a direção da escola também nunca fez nada.

Acredito que foi a partir dessa mini história, que eu percebi que o bullying é um assunto que me intriga, e que eu precisava escrever algo para que o mundo e o pessoal que trabalha com a educação saiba o quanto o bullying é devastador na autoestima e no desenvolvimento de um aluno, principalmente, quando as ações físicas e verbais começam no início da escolarização da criança.

Quais as consequências que o bullying provoca no desenvolvimento e no aprendizado das crianças

Segunda carta de aula da orientadora - 10 de agosto de 2019.

Ivana, tudo bem?

Li agora tua carta resposta à carta de aula um. Estou emocionada! Você escreve muito bem! A ideia das cartas de aula e das cartas-respostas será um caminho muito bonito para você expressar os sentimentos e as aprendizagens em relação ao Bullying que sofreu e, também, para escavar os sentimentos de quem sofre, de quem pratica e de quem observa o Bullying no ambiente escolar. E, o desafio que coloco a ti e a mim nesse processo de construção é de que façamos esse levantamento, através da escrita de cartas e troca de cartas com as vítimas, com os agressores, com os professores que observam o Bullying em suas salas de aula.

Uma dica para as cartas não ficarem sem finalização: Você não concluiu as respostas às perguntas da carta de aula um. Não tem problema, você pode se despedir escrevendo, por exemplo. "Professora Nilda, tenho ainda algumas respostas às suas provocações feitas na carta de aula Um, mas, preciso parar para fazer outras coisas. Voltarei a elas na próxima carta. Pode ser? Um abraço e até quarta-feira, dia 07 de agosto, em nosso primeiro encontro presencial".

Um bom exercício é reler a carta resposta antes de escrever a próxima, por isso, transcrevo-a nesta carta de aula dois para que você tenha a memória ativada sobre o conteúdo de nossas conversas.

Relativamente ao projeto do TCC, já temos alguns elementos sinalizados em tua carta resposta à carta um, por exemplo: as motivações para a escolha do tema da pesquisa, no caso, você ter sofrido Bullying na escola; o cenário onde será pesquisado o Bullying, ou seja, a escola; o problema de pesquisa inicialmente sinalizado, conforme você expressa *“como o bullying interfere no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças/adolescentes, e como o pedagogo pode atuar para que isso seja evitado?”*. Além disso, você demonstra já ter conhecimento sobre o assunto e, ao longo dos encontros e das trocas de cartas, vamos aprimorando, fundamentando teoricamente o tema para que possamos desenvolver as ideias que comporão o projeto de teu TCC.

Socializo com você um texto que se constituirá em um capítulo de livro e que trata das potências das cartas de aula. Peço que o texto fique somente com você, pois ainda não foi publicado. Postarei esse texto no acervo da turma.

Além disso, sugiro ler um capítulo do livro Ler e escrever a vida: trajetórias de jovens privados de liberdade. Ambos os textos estão indicados nas referências. Esse livro está na Biblioteca Virtual da UCS.

Uma terceira leitura, que não precisa ser feita agora, é o capítulo A escrita de si, integrante do livro de Michel Foucault, O que é um autor?

Penso que já temos vários elementos para as próximas duas semanas. Assim, fique à vontade para o envio da resposta a essa carta até nosso próximo encontro presencial, provavelmente, no dia 19 de agosto, 18h30, na sala 308 do Bloco E. Até lá, não hesite em chamar se precisar dialogar.

Grande abraço e um feliz dia em companhia de teu pai. Eu estarei com o meu, já com 85 anos.

Carta resposta à segunda carta da orientadora - 10 de agosto de 2019

Olá Profª Nilda, lhe escrevo agora, para concluir as respostas às perguntas da carta de aula um, e tentar compreender um pouco do que conversamos na aula do dia 07 de agosto.

O bullying, por ter vivido e presenciado cenas, sempre foi um assunto que me intrigou, que me deixou diversas noites acordadas, e inventando milhões de desculpa para no outro dia não ir à escola. E hoje, na graduação em pedagogia, eu percebo que a pergunta que eu gostaria de responder, nesse projeto, é como que, as ações que o bullying provoca no ser humano, pode interferir tanto no desenvolvimento e na aprendizagem, e como que o pedagogo pode interferir para que isso não aconteça no ambiente escolar, e nem na sala de aula. Principalmente, porque as primeiras ações de bullying, começam ainda na sala de aula. Eu não sei se você sabe Profª Nilda, mas quando um aluno chega num ambiente escolar, desde o tom de voz que o adolescente se expõe, já se torna motivo para que muitos comecem por ali nas ações de bullying. Acabei me estendendo de mais, mas é que lembrar todas as ações e os momentos que eu vivi, são aspectos que não são muito agradáveis.

Agora, cheguei na pergunta que eu não tenho ideias de como desenvolver tal questão, “que hipóteses eu tenho sobre o assunto? ”, acredito que para tal questão, vou dividir a resposta do meu tema de pesquisa, porque as ações, que os agressores praticam, tem tanto impacto no desenvolvimento e no aprendizado das crianças. Que proposta, os pedagogos e familiares, podem fazer para que o bullying tenha um fim no ambiente escolar.

Acredito que para responder à questão oito, as concepções dessa pergunta, me fazem refletir um pouco mais sobre o assunto bullying. Nem todo mundo percebe o bullying como um problema, muitos apenas enxergam essas ações, apenas uma forma da criança ou adolescente, chamar a atenção. Percebo o bullying além disso, questões como problemas de auto estima e de afetividades estão intrinsecamente ligados. De auto estima, por parte de quem sofre a agressão, e de afetividades e outros, por quem adota o bullying e ações sobre o outro para se sentir melhor, chamar a atenção a si, e não para o outro.

Como já mencionei acima, nem todos enxergam da mesma forma, apesar de existirem diversas campanhas e formas de evitar essas formas de violência, a maior

parte dos professores, não faz nada contra, por apenas achar que são atitudes de adolescentes e que eles mesmo devem se resolver, entretanto, muitas dessas “ignoradas” que os professores, fingem não ver, podem ocorrer os suicídios de adolescentes e crianças, principalmente nos adolescentes. É na fase da adolescência que os problemas de autoestima e de se aceitar como são, começa a desencadear as ações de bullying. Não percebemos, mas aquele adolescente que sempre está de “bem” com a vida, às vezes, nas famílias, as situações não são das melhores, presenciam situações de violência e de maus tratos, ou até eles mesmo podem estar sofrendo tais ações, e muitos nem sabem de sua situação em casa, e com isso, tentam esquecer os problemas, e acabam comentando as ações de violência e de xingamentos com os outros, para tentar se “sentir melhor”. Então na minha opinião sim, os professores não têm a mesma visão que os alunos, ou o inverso. E quem pratica não tem a mesma percepção de quem é agredido.

Inicialmente, pretendia desenvolver a minha pesquisa, mais de cunho bibliográfico, e de repente realizar questionários que fossem entregues a estudantes e professores, e perceber quais os fatores que podem influenciar quem está no ambiente escolar a praticar o bullying. E por fim, autores que retratem desse tema, e até professores que presenciaram ações de bullying. Contudo, com a proposta das cartas, fiquei um pouco curiosa, mas não compreendi muito como vamos desenvolver tais, mas acredito que iremos, ao longo do percurso, compreender melhor como desenvolver tais. Gostaria muito que meu trabalho de conclusão de curso, tivesse divulgação para toda rede de ensino e outras pessoas que se gostassem desse tema, e que eles dessem atenção a esse assunto, que por mais que o ser humano não acredite, esse assunto ainda é “pouco conhecido” mas tem uma repercussão enorme na vida dos adolescentes que enfrentam diariamente, no ambiente escolar, as violências e xingamentos de quem pratica bullying.

Profª, encerro por aqui, e espero que as respostas aos seus questionamentos, tenha atendido a sua expectativa. Espero compreender melhor como desenvolver as cartas, e aguardo seu retorno a respeito das próximas orientações. Desejo um bom resto de semana, e agora vou iniciar as leituras postadas no ambiente virtual. Obrigada, um abraço e até segunda dia 19 de agosto.

Terceira carta de aula da orientadora - 25 de agosto de 2019.

Olá, Ivana!

Neste lindo domingo de sol, mas ainda um pouco frio, escrevo esta carta ao som de passarinhos em minha janela e do sino da Igreja de Nossa Senhora de Lourdes badalando. Uma cena bem bucólica. Adoro estudar, escrever, preparar aulas e interagir com meus estudantes no domingo de manhã. Nem sempre consigo dar conta de dialogar com todos pelo AVA no turno da manhã, mas, ao final do domingo, sempre retorno, pois, afinal, são duas turmas na Graduação, uma turma no mestrado, outra no doutorado, cinco doutorandas, uma mestranda e uma bolsista de iniciação científica.

Bem, mas vamos a nossas tarefas e conversas...

Reli tua carta-resposta à carta um e o complemento a essa mesma carta. E sigo muito entusiasmada com o percurso que estamos fazendo juntas nessa aventura que é desenvolver um TCC valendo-nos das cartas como mediação, tanto entre nós duas (orientadora e orientanda), como nas futuras incursões ao campo da pesquisa, ou seja, entre você e os estudantes que sofrem *Bullying*; entre você e os estudantes que praticam *Bullying* e entre os professores que vivenciam essa difícil experiência em suas práticas educativas.

Pois bem, observe que postei no Acervo do AVA a carta dois acrescida de teu complemento a essa primeira carta já com as correções. Usei o recurso Controlar alterações do editor de textos. Basta você clicar com o botão direito sobre as marcações e aceitar ou rejeitar o que foi sugerido modificar.

Penso que após você “limpar” o texto, aceitar ou rejeitar as sugestões, teremos a Carta Introdutória do teu TCC, necessitando apenas alguns ajustes finais. Portanto, guarde bem essa carta, pois vejo nela indícios dos elementos necessários para compor um projeto de pesquisa: as motivações para a escolha do tema, a relevância do tema, a método que será utilizado para a construção dos dados de campo, os referenciais teóricos que serão acessados para fundamentar o estudo.

Agora, mais especificamente, sobre a tua carta-resposta à carta dois, anexada a esta carta três, penso que poderemos conversar mais no encontro presencial dessa semana, em horário e local a combinarmos pelo WhatsApp. Pode ser? Até lá, releia os referenciais teóricos que te enviei com testemunhos de práticas de pesquisa usando cartas de aula como metodologia. Para atualizar a memória, referencio novamente ao final desta carta. Fico por aqui. Farei uma pausa para interagir com a

família, nosso refúgio e alimento para a vida. Espero que você também usufrua do convívio com as pessoas que você quer bem e que te querem bem.

Afetuosos abraços,

Resposta à terceira carta da aula da orientadora – 31 de agosto de 2019

Olá profa. Nilda, tudo bem?

Venho por meio desta carta, destacar o procedimento metodológico para o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso. A metodologia utilizada, baseou-se em estudos bibliográficos com autores que possuem domínio do assunto aqui se referido, escritas de cartas com interlocutores empíricos, ou seja, trocas de cartas de aulas, onde serão propostos estudos das suas trajetórias de vidas, para que assim, possamos compreender um pouco do contexto que vivem adolescentes e crianças que presenciam no seu cotidiano ações de bullying ou que até sofrem com as violências físicas ou verbais.

As cartas de aulas, são uma forma do interlocutor encontrar formas de expressar suas concepções metodológicas e suas percepções sobre o conteúdo que foi abordado. Os posicionamentos dos interlocutores empíricos, que sofrem ou até que presenciam no seu cotidiano, o bullying, poderão destacar formas, para que a equipe diretiva e professores, encontrem maneiras para que o ambiente escolar, seja de grande aprendizado, e não presenciando violências físicas ou verbais.

Por fim, espera-se que os interlocutores, consigam expressar-se, e principalmente perceber as situações que estão presenciando ou vivenciando no ambiente escolar

Quarta Carta de Aula Orientativa ao trabalho de campo - 19 de outubro de 2019.

Olá, Ivana! Um bom sábado para você.

Seguimos juntas nesse desafio que é o desenvolvimento e sistematização de um TCC. Você está indo muito bem. Chegamos agora numa das fases mais desafiadoras, relacionada à organização dos dados que você construiu ao longo da pesquisa. Então, mãos na massa! Vamos apresentar os sujeitos e a amostra da pesquisa, trazer a voz das vítimas, a voz dos praticantes, a voz da escola e a voz da família.

Começamos pela Voz das vítimas.

Nesse item você tem que apresentar os interlocutores empíricos que sofreram com os atos de Bullying na escola. Apresenta o sujeito um, diga quem é, o que faz, em que ano de escolarização está, em que ano de escolarização sofreu Bullying, qual o tipo de Bullying ele sofreu, o que ele fala sobre os efeitos do Bullying, como identificou, como buscou ajuda, como a família se envolveu com o caso, como a escola procedeu. Você poderia iniciar mais ou menos assim:

Os sujeitos e a amostra da pesquisa

Neste item desta carta metodológica, apresento os sujeitos e a amostra da pesquisa.

Aproveito para dizer que não foi tarefa fácil encontrar pessoas para colaborar na pesquisa. Conforme disse na carta projeto, precisei evocar e contar com minha rede de relações pessoal e com a rede de relações de minha orientadora. Felizmente, conseguimos dialogar através das cartas com duas vítimas, um familiar, um praticante e um professor que presenciou o Bullying na escola onde trabalhou.

Começo então, por trazer os interlocutores que foram vítimas do Bullying.

Fulana de tal é uma adolescente de x anos que estudou em várias escolas privadas e que narra ter sofrido Bullying por muitas vezes e ao longo de sua trajetória escolar até que, nesse ano, a família decidiu troca-la de escola mais uma vez. Fulana tem x anos e estuda no y ano do Ensino Fundamental. Ela diz que "...". Refere que "...". É interessante observar que as narrativas de Fulana reforçam o problema instalado na sociedade relativo ao padrão de beleza e a não aceitação da diferença (...)

Também é necessário apresentar a colaboradora da pesquisa que se identifica como praticante do Bullying. Beltrana, tem x anos, (...)

A voz das famílias é representada por Cicrana que fala de como percebeu o Bullying que a filha estava sofrendo na escola e explica como procedeu para proteger a filha e (...)

Ivana, o que sugeri no quadro acima é apenas uma sugestão para você se inspirar a escrever e a descrever quem são os colaboradores de tua pesquisa. Desejo ótima escrita. Estou curiosa com tua produção. Falaremos na próxima orientação presencial. Abraços, Nilda

Resposta à quarta Carta de Aula Orientativa ao Trabalho de Campo – 26 de outubro de 2019

Olá, profa. Nilda

Segue o esboço do que pensei para descrever o trabalho de campo:

Nesse capítulo, o sujeito e a mostra da pesquisa, será apresentado a voz da vítima, a voz do praticante, a voz da família, e a voz da escola. Destacando como sofreram, qual o efeito e como identificaram as ações de bullying que estava ocorrendo no ambiente escolar.

Neste item desta carta metodológica, apresento os sujeitos e a amostra da pesquisa. Aproveito para dizer que não foi tarefa fácil encontrar pessoas para colaborar na pesquisa. Destaco que foram inúmeras conversas com as pessoas, mas poucas tinham o desejo de se pronunciar a respeito do que sofreram ou presenciaram no ambiente escolar. Conforme disse na carta projeto, precisei evocar e contar com minha rede de relações pessoais e com a rede de relações de minha orientadora. Felizmente, conseguimos dialogar através das cartas com duas vítimas, um familiar, dois praticantes, e um professor que presenciou o Bullying na escola onde trabalhou.

Destaca-se que utilizaremos codinomes (apelidos) da turma da Mônica, do autor Maurício de Souza, para preservar a segurança e a identidade dos participantes da pesquisa. A turma da Mônica, foi a escolhida para os codinomes, pois no desenho infantil, presenciamos cenas na qual são executadas ações de bullying. A turma da Mônica, é uma história em quadrinhos, na qual retrata os assuntos da sociedade sobre os olhares dos personagens, isto é, a relação onde o Cebolinha estipula constantes apelidos pejorativos a personagem Mônica, e ela revida as ações com a violência. Sem esquecer que, outras ações, além das praticadas por Cebolinha, são executadas por outros integrantes da trama infantil insultando e estipulando os apelidos à personagem.

Começo então, por trazer os interlocutores que foram vítimas do Bullying.

Mônica, a primeira vítima que se disponibilizou a participar da pesquisa, é uma adolescente de 13 anos, residente na cidade Caxias do Sul/RS, que estudou em várias instituições de ensino privadas e que narra ter sofrido Bullying por diversas vezes e ao longo de sua trajetória escolar.

A Mônica, uma menina muito alegre, descreve que as situações começaram desde a pré-escola, com empurrões e apelidos pejorativos. As causas, segundo a

participante, era por não estar nos padrões estipulados pela sociedade. Mônica descreve que em uma das escolas que frequentou durante os primeiros anos de escolarização, as ações eram mais psicológicas e com isso afetavam sua autoestima, possuindo uma consequência para seu desenvolvimento e aprendizado durante o processo da escolarização.

A participante ainda relata que as adaptações nas novas escolas nunca foram boas, sempre ocorreram as ações de bullying, entretanto, na escola que está atualmente, os seus colegas lhe acolheram, não ocorrendo mais as práticas de violência. É interessante observar que as narrativas de Mônica reforçam o problema instalado na sociedade sobre o padrão de beleza e a não aceitação da diferença. Além desse problema instaurado na sociedade, existe a questão do aceitar o outro com as suas diferenças, que todos possuímos qualidades e defeitos.

Os ambientes educacionais que a Mônica enfrentava o bullying em seu cotidiano, para tentar resolver a situação, a família contatou a escola, que recrutou uma psicóloga para que os pais e a escola pudessem conversar sobre a situação que estavam presenciando no ambiente escolar. Entretanto, as conversas não surgiram resultados, pois os pais da vítima, ficaram com total responsabilidade de tentar finalizar a angústia de sua filha, e a escola não efetivando atitude para conscientizar os estudantes a respeito do assunto, os pais optaram por encontrar um outro ambiente educacional para que o aprendizado da vítima não fosse mais interferido.

A voz de outra vítima, Chico Bento, residente na cidade Caxias do Sul/RS, nos destaca algo bem relevante “as crianças reproduzem um comportamento e pensamentos que absorvem e veem em casa”, isto é, a relação com a família e a base para um bom desenvolvimento do indivíduo, as ações que acontecem dentro do ambiente familiar, refletem no comportamento da criança no cotidiano escolar, principalmente nos primeiros anos de escolarização. Com Chico Bento não foi diferente, nas trocas de cartas feitas com a vítima, ele descreve que, assim como no caso da Mônica, a vítima sofria pela escolha de sua orientação sexual. Não podemos deixar mencionar que, durante todo o tempo que sofreu com as ações dos bullies, ele se defendia, tanto verbalmente quando fisicamente, porém as marcas para a vítima, são bem profundas. No decorrer do tempo, a vítima relata que começou a sentir-se fora dos padrões estipulados pela sociedade, e com isso, começou a pensar que todas as suas ações eram erradas, e que deveria seguir as ações como a sociedade estipula. As ações contra Chico Bento, normalmente eram mais verbais com algumas

ações físicas, entretanto, as ações verbais se decorriam com apelidos pejorativos e insultos a sua orientação sexual, fato que afeta muito a autoestima do indivíduo.

Também é necessário apresentar a colaborada da pesquisa que se identifica como praticante do Bullying. Cebolinha, tem 22 anos, é residente na cidade de São Paulo/SP. É importante destacar que, a praticante, foi encontrada atrás das relações dos grupos das redes sociais. Além disso, a praticante comenta que muitas das ações realizadas contra seus colegas, foi por receio de ser vítima. As ações, primeiramente, começaram por vingança as violências que eram feitas a sua colega, que jogava bola. Posteriormente, a praticante continuava a fazer as ações de bullying, pela constante sensação de poder que sentia quando as ações aconteciam, ou seja, por mais que tinha conhecimento que as ações afetavam a auto estima da vítima, a sua escolha por praticar, vinha da sua constante sensação de poder, de se sentir o “centro das atenções”

Também é necessário apresentar outra colaborada da pesquisa que se identifica como praticante do Bullying. Magali, é residente na cidade de Caxias do Sul/RS. As questões desta praticante vão além de somente ser fazer as ações de bullying. Primeiramente, a praticante foi vítima de agressores, ou seja, ela sofria as ações por conta do cabelo, por ser uma garota inteligente na turma, e por fim, por participar de concurso de beleza. Magali destaca que apesar de ter sentido todas as angústias de ser vítima, ela utilizou as mesmas ofensas que recebia à uma colega de sala que era repetente e estava acima do peso e possuía dificuldade social. Apesar de saber que as ações eram maçantes a vítima, a sensação de poder, assim como no caso de Cebolinha, era maior. Outro fato destacado por Magali, é por presenciar constantes brigas de relacionamento com seus pais. Acredita-se que, por estar em estresse constante quando era vítima e quando era praticante, sua saída era descontar suas frustrações no outro, descobrir uma forma de não sentir aquele sentimento de impotência, de como relatamos no cotidiano contemporâneo “ficar de mãos atadas”

A voz das famílias é representada por Dona Luísa, que relata como percebeu o Bullying que a filha estava sofrendo na escola e explica como procedeu para proteger a filha. No início, Dona Luísa, relata que não percebeu as ações contra sua Mônica, só notou que algo estava de errado quando as colegas fizeram uma festa e menina não foi convidada. Não parando por ali as ações, no ambiente escolar, Mônica sofria com os insultos e os apelidos pejorativos da agressora. Apesar de Dona Luísa

procurar o ambiente escolar para encontrar soluções para o caso, de nada adiantou, pois, o ambiente educacional apenas “tapava o sol com a peneira”, isto é, apenas eram feitas conversas, mas nenhuma ação era tomada para que o assunto fosse resolvido. Com isso, a família não teve outra alternativa, a não ser trocar a Mônica de escola, e hoje apesar de todo o sentimento e angústia vivenciada nos outros ambientes educacionais, hoje, Mônica vai para a escola possuindo um efetivo aprendizado.

8.1 NARRATIVAS DAS VÍTIMAS, DA FAMÍLIA, DA ESCOLA E DOS PRATICANTES

8.1.1 Narrativas das Vítimas

Carta convite à Mônica (Vítima) - 06 de setembro de 2019

Olá, Mônica!

Bom dia, boa tarde ou boa noite? Não sei em que momento do dia você estará lendo esta carta. Tudo bem com você?

Comigo está tudo bem, apesar das batalhas da vida, continuamos enfrentando-as e seguindo com nossos desafios.

Me chamo Ivana Polo, tenho 22 anos, residente na cidade de São Marcos/RS. Atualmente sou graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Caxias do sul. Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre o efeito do *Bullying* a partir de múltiplas vozes: narrativas das vítimas, dos agressores e da escola. Quem me acompanha nessa pesquisa, como orientadora é a professora Nilda Stecanela.

Minha motivação em pesquisar o *Bullying* está associada a uma experiência não positiva que vivi na Educação Básica, pois fui vítima desse fenômeno que ocorre com muitas crianças e adolescentes no período escolar. Fiquei curiosa conhecer a experiência de outros adolescentes e busquei pessoas que pudessem colaborar com minha pesquisa em minha rede de relações e nas redes das relações de minha orientadora. Por isso, chegamos a você!

Se você estiver disposta, poderemos trocar algumas cartas de modo que eu possa conhecer um pouco da tua “experiência” com o *Bullying*. Além disso, pretendo escutar a voz das famílias e da escola, mas, principalmente, as angústias de quem

sofreu com esse mal. Desejo compreender um pouco mais sobre os motivos que levam os praticantes de *Bullying* a cometerem esse ato.

Então, se você topar dialogar sobre o *Bullying* podemos começar conversando sobre: (a) Na sua opinião, quais os motivos pelos quais você se tornou uma vítima do *Bullying*? (b) Você tem ideia do porquê o (s) praticante(s) de *Bullying* escolheram você como alvo? (c) No seu entendimento, por que um colega da escola pratica *Bullying*? Enfim, você poderia descrever tudo que achar pertinente para que as nossas trocas de cartas sejam enriquecedoras e para que o desenvolvimento deste trabalho possa colaborar para prevenir que outros adolescentes sejam vítimas do *Bullying*.

Ah, uma coisa muito importante: Tua identidade e nome serão preservados no trabalho, portanto, se quiser escolher um codinome (apelido), vai ser bem legal.

Na certeza de que poderei contar com tua colaboração, agradeço a disponibilidade em fazer parte desta pesquisa. Estarei aqui, ansiosa, esperando tua resposta e, também, à disposição para esclarecer qualquer dúvida que você tiver.

Abraço e até breve.

Ivana Polo – São Marcos, 06 de setembro de 2019.

P.S.: Você enviar a resposta a esta carta para o meu e-mail (ipolo@ucs.br) ou para meu WhatsApp (54) 999849980

Carta resposta de Mônica (Vítima) - 09 de setembro de 2019

Olá, me chamo Mônica, tenho 12 anos e em breve farei 13.

Eu sempre fui uma criança muito normal alegre e feliz. Porém quando eu era pequena eu comecei a passar por dificuldades em questão de Bullying, desde o pré eu era a vítima de vários casos de Bullying por ter por ter uma aparência física um tanto diferente do padrão. Eu sempre fui gordinha e não tenho rosto tão bonito, mas isso não justificava o tanto de Bullying que eu sofria.

Quanto mais eu parecia mais escolas tive que mudar por causa disso. Eu já fui para 4 escolas diferentes, a primeira onde eu estudei, foi até o prezinho e lá não tinha tanto caso de Bullying, mas eu ainda sempre levava um empurrãozinho daqui; um xingamento dali. Quando eu cresci eu comecei a fazer o primeiro ano e o segundo em outra escola. Lá eu comecei a sofrer mais Bullying ainda, eu comecei a notar que as pessoas já não eram mais fofas comigo, então eu tive que trocar de escola mais uma vez e aí eu fui para a pior parte da minha vida inteira.

A terceira escola foi maravilhosa, sempre me acolheu bem, porém os alunos que estudavam lá fizeram muito Bullying comigo e pelo que eu me lembre foi uma das épocas que mais doeu em mim, porque as pessoas judiavam de mim, para elas parecia que eu era um monstro; eu me sentia um monstro. Eu estudei desde o terceiro até o sexto ano lá, foram longos três anos, foi a escola que eu mais permaneci, também foi a escola que eu mais sofri. Tinha uma garota, ela era a principal pessoa que fazia Bullying comigo, ela me torturava psicologicamente, era horrível, mas os anos passaram e a poeira baixou. Quando troquei de escola, mais uma vez, onde eu estou atualmente, eu não me arrependo nem um pouco, porque eu parei de sofrer Bullying e agora depois de uma experiência pós-traumática, eu posso dizer que eu estou me sentindo muito melhor e feliz.

Muito obrigado, Mônica

Interação com a Carta de Mônica (Vítima) - 24 de setembro de 2019

Olá Mônica!

Obrigada por interagir, responder à minha carta convite e colaborar com a minha pesquisa.

Ao ler tuas palavras, percebo que temos algumas coisas em comum, pois ambas sofremos com a pressão psicológica e emocional dos nossos colegas praticantes de *Bullying* contra nós. Outra coisa, você disse que, talvez, o *Bullying* tenha ocorrido por você achar que não tem um rosto muito bonito ou porque está fora do padrão que a sociedade impõe. No meu caso, eu até sofria com o meu nome, Ivana, pois várias vezes as pessoas trocavam, porque não era um nome comum, por exemplo, me chamavam de Silvana, Ivania, até encontravam outras formas para zombar de mim. etc... E eu nunca me preocupei em buscar o significado do meu nome, até que um dia, ao falar sobre isso com minha professora no fim da graduação, ela me trouxe os significados do nome Ivana, ou seja, “agraciada por Deus”. A partir daí, percebi que deveria enfrentar os problemas de cabeça erguida, e que por mais, as vezes tenhamos vontade de abandonar tudo e jogar tudo para o alto, não podemos. Minha avó sempre dizia que “Deus nunca dá para a gente uma cruz maior que a gente possa carregar”, por mais que você não acredite, essas batalhas que você teve que enfrentar nas outras escolas, foi para te fazer ser mais forte e confiante do que já era.

Ah, tomei a liberdade de procurar o significado do seu nome, e encontrei que significa "guerreira gloriosa".

Você mencionou alguns tipos de *Bullying* que eram praticados contra você, por exemplo, judiavam, empurravam, etc. Você poderia descrever com mais detalhes como eram esses atos, em que momentos aconteciam, como a escola e os professores percebiam ou agiam, e como os demais colegas encaravam esse tipo de situação? E a tua família, como você descreveu essas ações a eles? Porque você achou que mudando de escola, as ações de *Bullying* iriam diminuir? Se você tivesse ficado na primeira ou na segunda escola, será que as ações, teriam ainda continuado?

Além disso, você poderia detalhar mais sobre o porquê os agressores ou aquela colega, fazia isso com você?

Se entendi bem, você trocou diversas vezes de escola, todas as vezes foram devido ao *Bullying* ou somente essa última? Como foi esse processo de troca de escolas para você, como foi a readaptação na nova escola, fazer novos colegas e amizades. Ficaram colegas que você sente falta na outra escola?

Se não for pedir muito, você poderia deixar as suas respostas em um único arquivo? Na certeza de que poderei contar com tua colaboração, agradeço a disponibilidade em fazer parte desta pesquisa. Estarei aqui, ansiosa, esperando tua resposta e, também, à disposição para esclarecer qualquer dúvida que você tiver.

Abraço e até breve.

Ivana Polo – São Marcos, 22 de setembro de 2019

Carta resposta à Carta da Mônica (Vítima) - 06 de outubro de 2019

Oi, Ivana, tudo bem?

Fiquei muito feliz em saber o significado do meu nome, não sabia que era guerreira. Acho que combina comigo este significado do nome. Também não imaginei que você também já sofreu Bullying.

Você pediu para eu escrever os motivos que me levaram a ser vítima do Bullying. Eu tenho certeza que era por eu ser gorda. Eram jogados objetos em mim, eram ditas palavras que magoavam e deixavam uma marca no meu dia, já tentei falar com os professores e coordenadores, mas não ligavam, não era problema deles. Eu fui escolhida como alvo por não ser magra como minhas colegas, por não ter o corpo ideal (magro) como minhas colegas. Não ser igual me levou a ser excluída.

No meu entendimento, fui alvo pois eu não tenho um corpo perfeito, isso ocorre muito quando a pessoa tem uma certa mágoa dentro dela, e quer descontar nas outras pessoas.

Minha família me apoia muito e me ajudaram com todo esse assunto. Eu achava que se eu mudasse de escola eu iria fazer novos amigos, pois se eu continuasse na escola que estava, iria sofrer bem mais. As pessoas não gostavam de mim, pelo fato de eu ser gorda, e por esse mesmo motivo que eu tive eu sofria Bullying nas escolas que estava. As minhas adaptações nas escolas nunca eram boas, mas nesta que estou hoje é diferente, fui acolhida e amada por todos.

Como mensagem para os adolescentes que sofrem Bullying, eu diria que não é para se abalar com isso, todos têm seu lugar. Você vai encontrar o seu também.

Abrços, Mônica.

Carta convite à Chico Bento (Vítima) - 27 de setembro de 2019

Olá Chico Bento.

Bom dia, boa tarde ou boa noite? Não sei em que momento do dia você estará lendo esta carta. Tudo bem com você?

Comigo está tudo bem, apesar das batalhas da vida, continuamos enfrentando-as e seguindo com nossos desafios.

Me chamo Ivana Polo, tenho 22 anos, residente na cidade de São Marcos/RS. Atualmente sou graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Caxias do sul. Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre o efeito do *Bullying* a partir de múltiplas vozes: narrativas das vítimas, dos agressores e da escola. Quem me acompanha nessa pesquisa, como orientadora é a professora Nilda Stecanela.

Minha motivação em pesquisar o *Bullying* está associada a uma experiência não positiva que vivi na Educação Básica, pois fui vítima desse fenômeno que ocorre com muitas crianças e adolescentes no período escolar. Fiquei curiosa conhecer a experiência de outros adolescentes e busquei pessoas que pudessem colaborar com minha pesquisa em minha rede de relações e nas redes das relações de minha orientadora. Por isso, chegamos a você!

Se você estiver disposto, poderemos trocar algumas cartas de modo que eu possa conhecer um pouco da tua “experiência” com o *Bullying*. Além disso, pretendo escutar a voz das famílias e da escola, mas, principalmente, as angústias de quem

sofreu com esse mal. Desejo compreender um pouco mais sobre os motivos que levam os praticantes de *Bullying* a cometerem esse ato.

Então, se você topar dialogar sobre o *Bullying* podemos começar conversando sobre: (a) Na sua opinião, quais os motivos pelos quais você se tornou uma vítima do *Bullying*? (b) Você tem ideia do porquê o(s) praticante(s) de *Bullying* escolheram você como alvo? (c) No seu entendimento, por que um colega da escola/faculdade praticou *Bullying*? Enfim, você poderia descrever tudo que achar pertinente para que as nossas trocas de cartas sejam enriquecedoras e para que o desenvolvimento deste trabalho possa colaborar para prevenir que outros adolescentes sejam vítimas do *Bullying*.

Ah, uma coisa muito importante: Tua identidade e nome serão preservados no trabalho, portanto, se quiser escolher um codinome (apelido), vai ser bem legal.

Na certeza de que poderei contar com tua colaboração, agradeço a disponibilidade em fazer parte desta pesquisa. Estarei aqui, ansiosa, esperando tua resposta e, também, à disposição para esclarecer qualquer dúvida que você tiver.

Abraço e até breve.

Ivana Polo – São Marcos, 27 de setembro de 2019.

P.S.: Você enviar a resposta a esta carta para o meu e-mail (ipolo@ucs.br) ou para meu WhatsApp (54) 999849980

Carta Resposta de Chico Bento (Vítima) - 02 de outubro de 2019

As crianças reproduzem um comportamento e pensamentos que absorvam e veem em casa. Se são criadas com indiferença, falta de amor, atenção, importância, cuidado, carinho, sem diálogo, conversas e reflexões, apenas iram descontar todos esses sentimentos frustrados e dores canalizando suas ações na minoria que é condenada, discriminada e marginalizada pelos valores, pensamentos e comportamentos sociais. Por exemplo: Negros, mulheres, homossexuais, pobres, pessoas fora do padrão estipulado pela ditadura da beleza, entre outras minorias que você conseguir pensar.

Eu faço parte de uma dessas minorias, sou homossexual. E sofri muito nas mãos de muitos por isso, por causa do preconceito. Acho que com esse parágrafo respondo suas três perguntas iniciais.

Interação com a Carta de Chico Bento (Vítima) - 10 de outubro de 2019

Olá Chico Bento!

Obrigada por interagir, responder à minha carta convite e colaborar com a minha pesquisa.

Ao ler tuas palavras, percebo que temos algumas coisas em comum, pois ambos sofremos com a pressão psicológica e emocional dos nossos colegas praticantes de *Bullying* contra nós. Outra coisa, você mencionou que as crianças reproduzem um comportamento e pensamento que absorvem em casa, será que esse é o principal motivo para os praticantes de *Bullying*? Quando você referiu que as crianças criadas com indiferença, falta de amor e atenção, em minha opinião, é um dos fatores que mais influencia o praticante de *Bullying* fazer os atos aos demais colegas. Eu acredito que eles tentam buscar na escola as relações que não têm em casa.

Quando li tua carta, em um primeiro momento, vieram à minha mente as cenas da série da Netflix, 13 reasons why, quando o Brice e a sua turma fazem ações de *Bullying* contra o Tyler. Não sei se você já assistiu essa série, mas as ações de *Bullying* estão muito presentes nessa série. A turma do Brice busca na escola o que não possuem em casa, principalmente, a atenção.

As razões que você acredita ter sido vítima de *Bullying* eram por ser homossexual, poderia me descrever como era para você ser humilhado muitas vezes? Você poderia descrever com mais detalhes como eram esses atos, em que momentos aconteciam, como a escola e os professores percebiam ou agiam, e como os demais colegas encaravam esse tipo de situação? E com relação à tua família, como você descreveu essas ações a eles?

Além disso, você poderia detalhar mais os aspectos que envolvem o que você nomeou como sendo a “ditadura da beleza”? Ainda, poderia falar mais sobre o porquê os agressores agiam desta forma com você? Se não for pedir muito, você poderia deixar as tuas respostas em um único arquivo? Na certeza de que poderei contar com tua colaboração, agradeço a disponibilidade em fazer parte desta pesquisa. Estarei aqui, ansiosa, esperando tua resposta e, também, à disposição para esclarecer qualquer dúvida que você tiver.

Abraço e até breve.

Atenciosamente

Ivana Polo, São Marcos, 07 de outubro de 2019.

P.S.: Ah, já ia esquecendo. Reproduzi abaixo a tua carta resposta à minha carta convite para facilitar a evocação de tua memória

Carta resposta à Carta de Chico Bento (Vítima) - 13 de outubro de 2019

Oi Ivana!

Sim concordo com você, assisti 13 Reasons Why. Foi onde me identifiquei muito com as práticas de Bullying realizadas principalmente contra Hannah e Tayler.

Eu nunca me identifiquei ou me sentia como uma vítima humilhada, porque eu sempre me defendia tanto verbalmente quanto fisicamente. Porém o dano que a prática do Bullying deixou em mim foi muito mais profunda. Com o passar dos anos eu comecei a adotar uma forma de pensamento de auto depreciação, comecei a pensar que a forma como eu me comportava, meu jeito de falar, minha postura e minha desinibição eram erradas. Comecei a achar que eu estava errado em ser quem eu era, e que eu deveria aderir a um padrão de comportamento "heteronormativo", sem deixar minha feminilidade e meus jeitos afeminados transparecerem. Pois no entendimento distorcido e ignorante de nossa sociedade, você apenas tem valor como ser humano masculino se você é um ser bruto, grosso, violento e "durão", que não demonstra sentimentos e não fala sobre os mesmos.

Segundo a visão social de hoje, apenas é permitido ser sensível, afeminado, emocional e delicado o gênero feminino. Se você demonstra ter essas características sendo do gênero masculino você é considerado fraco, indefeso e incapaz. Todos estes padrões de pensamento preconceituoso provem do machismo, por considerar a mulher, a figura do feminino, fraca, indefesa, e menor que a figura masculina.

Esses atos aconteciam em quase todo ambiente da escola, na entrada, na sala de aula, no recreio, na saída. Os meninos acabavam por se conterem mais na frente de pais. Não tentavam esconder dos professores pois todos eles faziam vista grossa para esse tipo de comportamento, e muito menos de todos os outros colegas que riam e achavam graça nesse tipo de atitude. Durante toda minha vida escolar eu escondia de todos que eu sofria este tipo de Bullying por vergonha, vergonha de mim mesmo, vergonha de quem eu era. Fui contar aos meus pais pelo o que eu passei apenas depois de ter saído da escola e ter-lhes informado da minha orientação sexual. As agressões em sua maioria aconteciam de forma verbal, com palavras que eles (em

sua 99% das vezes homens) utilizavam em tom de insulto e menosprezo, como: "viadinho", "mulherzinha", "bixinha", "fraco", "medroso". Todos remetendo a minha forma delicada e afeminada de ser. Já houveram ataques físicos contra mim, porém nada muito agravante, sempre soube me defender e revidar, então eles não iam muito longe nesse modo de agressão pois eu não me permitia ser oprimido através deste meio. No entanto não houveram falta de tentativas.

Eu acredito que eles agiam assim pelo fato da comunidade lgbtqia+ ainda sofrer muito preconceito e discriminação em nossa sociedade, assim como todas as outras formas de preconceito. A criança quer a atenção, o amor e o reconhecimento que não tem em casa (como concluímos antes) e como ela não sabe conseguir isso de forma genuína e honesta por não ter sido ensinada, ela parte para agressão contra uma pessoa que esteja vulnerável e suscetível a quaisquer que seja o padrão discriminado pela maioria.

Um padrão destes também é a ditadura da beleza, criada e formulada por homens, para homens com o machismo sendo a linha de pensamento liderada. Mulheres devem medir e ter o corpo com o formato x, falar e agir de certa forma, andar de certa forma, vestir o que eles dizem para elas vestirem através das grandes mídias, e serem o que eles quiserem que elas sejam, primeiramente submissas. O homem apenas não percebeu que esta linha de pensamento iria atingir eles próprios. Hoje mulheres e homens acham que devem se encaixar e possuir o corpo "ideal", o corpo ilusório, sarado, definido e padronizado pelas grandes mídias e meios de comunicação. Hoje as pessoas deixam de assumirem os corpos que possuem e serem quem elas são, por medo de não serem aceitas pela maioria que seguem nesta linha de pensamento.

8.1.2 Narrativa da Família

Carta convite à Dona Luísa (Família) - 06 de setembro de 2019

Olá, Dona Luísa. Tudo bem com você?

Comigo está tudo bem, apesar das batalhas da vida, continuamos enfrentando-as e seguindo com os desafios que acompanham o período de finalização da graduação em Pedagogia, especialmente, na construção e desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Sou Ivana Polo, tenho 22 anos, resido na cidade de São Marcos/RS. Atualmente sou graduanda do curso de licenciatura em pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul. Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre o efeito do *Bullying* a partir de múltiplas vozes: narrativas das vítimas, das famílias, dos agressores e da escola. Nessa pesquisa, estou sendo orientada pela professora Nilda Stecanela.

Minha motivação em escrever um trabalho de conclusão de curso sobre o *Bullying*, veio de experiências não muito positivas durante minha Educação Básica, pois fui vítima do *Bullying*. E com isso, fiquei curiosa em perceber como foi a “experiência” de outros adolescentes que sofreram com o *Bullying*, assim como eu. A partir de então, também me questioneei, como será que foi a experiência dos pais ou responsáveis de crianças e adolescentes que sofreram com essas ações? Com isso, busquei pessoas que pudessem colaborar com minha pesquisa, na minha rede de relações e nas redes das relações da minha orientadora. Por isso, chegamos a você.

Espero poder contar com a sua colaboração. Escrevo essa carta para que possamos conversar um pouco sobre como foi, (a) para você, ter em casa uma filha que sofreu com *Bullying*. (b) Como foi o processo de perceber que sua filha sofria *Bullying*? (c) Que atitudes você tomou para que esse mal, não acontecesse mais? (d) Que providências você acha que os pais devam tomar quando presenciarem seus filhos sendo vítimas do *Bullying*?

Esses são alguns questionamentos que gostaria que você interagisse para iniciarmos nossa conversa. Gostaria que você relatasse aspectos que achar pertinente que eu possa ampliar minha visão sobre o assunto. Ah, nessa carta, se achar interessante, poderia também, inserir as vozes dos demais membros da família, por exemplo, o pai da Mônica, os irmãos, os tios, os avós. Mas, do contrário, sua contribuição já estará ótima para iniciarmos essa conversa.

Ah, uma coisa muito importante: Sua identidade e nome serão preservados no trabalho, portanto, se quiser escolher um codinome (apelido), vai ser bem legal.

Na certeza de que poderei contar com tua colaboração, agradeço a disponibilidade em fazer parte desta pesquisa. Certo de sua atenção. Obrigada!

Ivana Polo. São Marcos, 06 de setembro de 2019.

P.S.: Você pode enviar a resposta a esta carta para o meu e-mail (ipolo@ucs.br) ou para meu WhatsApp (54) 999849980

Carta resposta de Dona Luísa (Família) - 17 de setembro de 2019

Boa tarde, Ivana, tudo bem?

Escrevo-lhe para relatar um pouco de minha história como mãe de uma menina bonita, inteligente, de 11 anos, que sofria Bullying na escola, pelas colegas, por não ser uma menina extrovertida e, segundo ela, por não estar nos padrões de beleza considerados pelas colegas.

Demorei para perceber que minha filha estava sofrendo, pois ela não comentava, não falava nada. Todos os dias, quando ia buscá-la na escola, perguntava como tinha sido; ela respondia que estava tudo bem. Notei que algo estava acontecendo quando uma dessas colegas praticantes do Bullying fez uma festa de aniversário, convidou todas as meninas, menos minha filha. A tristeza estava estampada no rosto de minha filha ao me contar desse fato. Confesso que foi uma das piores dores que vivi, porque me senti impotente, refém de uma situação da qual não conseguia resolver. Pensei em conversar com a escola sobre a atitude, mas declinei porque a festa era particular, em horário além da escola.

Eu tentei animar minha filha, dizer que era uma situação isolada, que tudo ficaria bem com o tempo. Que era para ela não se importar que iria ser diferente. Como contrapartida a esse fato, realizei uma festa de aniversário em nossa casa e convidei todos os colegas, sem exceção para participar, inclusive a menina que não a convidou. Todos vieram, menos a garota. A tentativa de fazer a festa foi promover um encontro com os colegas da turma, de conhecê-los, e de me aproximar.

Passado o momento da festa, no outro dia, na escola, minha filha foi ironizada pela colega, isolada do grupo, que recebia reforço e incentivo de outras colegas. Após muito diálogo com a minha filha e tentativas de apaziguar a situação, eu e meu marido entendemos que o melhor seria conversar na escola, pedir apoio, uma vez que a prática de Bullying estava começando a interferir no rendimento pedagógico.

Marquei com a coordenadora, a psicóloga da escola, relatei alguns fatos e essas chamaram minha filha, que tremia na frente. Começaram a questioná-la sobre as atitudes dos colegas e o compromisso retornou para nós. Ou seja, eu teria de encaminhá-la a uma psicóloga, para ela saber lidar com a situação; e a minha filha teria de relatar os fatos de Bullying à equipe gestora cada vez que acontecesse. Neste momento, cogitei a possibilidade de ela trocar de turno, frequentar outra turma, mas a equipe da escola achou melhor esperar.

Acontece, porém, que minha filha nunca os procurou para relatar porque sentia medo, receio de ser intimidada pelos colegas. Certo dia, veio marcada em casa porque um colega atirou um livro pesado no rosto, dizendo que ela não reagia, que era diferente. Ela não me contou, mas percebi marcas no rosto e perguntei. Ela, chorando, disse que não era nada, que ela até sorriu para ele, mesmo sentindo dor. Foi aí que conversamos e decidimos que ela finalizaria o ano e trocaria de escola. Pois bem, iniciou novo ano em nova escola, com outros colegas, professores e recomeços. E foi a melhor atitude tomada. Insistir na situação anterior não traria alegria. Hoje minha filha vai para a escola feliz. E a escola anterior continua ligando pois sentiu sua perda....

Abraço, Dona Luísa.

Interação com a Carta de Dona Luísa - 01 de outubro de 2019

Boa noite Dona Luísa!

Obrigada por interagir, responder à minha carta convite e colaborar com a minha pesquisa.

Ao ler suas respostas à minha carta convite, me questiono: se meus pais tivessem me trocado de escola, desde os meus primeiros anos de escolarização, será que, de repente, a minha insegurança não teria se desenvolvido a ponto de, agora com 22 anos, ter que tomar medicação para ansiedade?

Você acredita que essas trocas de escolas feitas para a Luísa podem afetar ou contribuir para o desenvolvimento dela no futuro? Como você percebeu os primeiros sinais de que a sua filha estava sendo vítima de *Bullying*? Como você percebeu as mudanças de comportamento, sendo vítima de *Bullying*, da Mônica com relação a escola antiga? E com a nova escola, como você percebeu se Luísa se libertou dos efeitos do *Bullying* sofrido na ex-escola?

Você comentou que marcou uma reunião com a psicóloga e com a coordenação da escola para tentar resolver a situação, porém, a responsabilidade voltou para os pais. Será que, de repente, não teria sido melhor a psicóloga trabalhar com a Mônica em algumas sessões e depois a escola e a psicóloga terem um diálogo a respeito das atitudes da menina que praticava *Bullying* contra a Mônica? A Mônica, chegou a fazer as sessões com a psicóloga para que a escola tentasse achar alguma outra forma de prevenir as ações de *Bullying*?

Você deve estar pensando que estou tentando defender a escola, mas eu vou te contar uma coisa: Quando eu fui vítima de *Bullying*, a escola onde eu estudava, me deu detenção porque eu reagi a uma ação de *Bullying*, embora já tinham conhecimento do que estava se desenvolvendo no ambiente escolar. Eu juro, que naquela época, não entendi o porquê eu fui culpada por uma ação que só estava tentando me defender, já que a escola nada fazia. Quando meus pais foram até a escola, é interessante observar que a minha escola adotou a mesma atitude que a escola da Mônica, ou seja, deixou a responsabilidade total para meus pais. Eu acho que suas ações para apartar e finalizar o sofrimento da sua filha, foram de excelente escolha. Mas, na minha opinião, a escola deveria ter tomado a frente disso, pois, provavelmente, já tinham conhecimento sobre as ações que estavam ocorrendo contra a Mônica

Bom, desculpa minha insistência, mas sua carta me provocou para escrever novamente. Espero não estar atrapalhando demais sua rotina.

Abraço e até breve.

Ivana Polo – São Marcos, 01 de outubro de 2019.

Carta resposta de Dona Luísa - 06 de outubro de 2019

Oi, Ivana, tudo bem?

Acho que nossas interações são bem produtivas, especialmente por você já ter vivenciado situação de Bullying.

Sabe, para a família não é nada fácil agir nessas situações, porque ficamos com medo que se trocar de escolas é melhor ou pior. Relutei em trocar de escola porque achava que o problema deveria ser resolvido internamente com a equipe diretiva. Mas quando vi que o sofrimento da minha filha aumentada, e esse era manifestado em forma de silêncio, foi aí que vi que não podia mais esperar. Sei que às vezes, para a escola é mais cômodo colocar a culpa em um ou outro, mas o que acontece é que a situação toma proporções mais acentuadas.

O silêncio da minha filha, os poucos sorrisos e, ao presenciar ela sozinha, sentada na escada, no recreio, no dia em que eu resolvi ir vê-la na escola, foram decisivos para saber que não era ali mais o lugar dela. Escola é lugar para criança/adolescente ser feliz, e isso não estava acontecendo. Percebi que não

adiantaria mais conversas com A, B, ou C, precisava tirar ela daquele espaço de convivência que para ela estava doentio.

A Mônica não chegou a fazer nenhuma sessão com psicóloga, porque não quis naquele momento, talvez, eu tenha que retomar essa situação. Mas, estou observando e monitorando diariamente. Confesso que no novo espaço escolar, a parte de conhecimentos não é tão boa quanto à escola antiga, porém isso não importa para mim, porque vejo minha filha ir para a escola feliz, todos os dias, com amigos, ela é chamada para fazer trabalhos em grupo.

Gostaria de dizer que a escola, há uma semana realizou premiação dos melhores vídeos produzidos pelos alunos, CLIP FEST. A Mônica foi uma das finalistas, entre os 100 melhores trabalhos, com vídeo produzido com a temática Bullying. Ela entrevistou pessoas, fez vídeos e recebeu premiação, medalhas.

Acho que a experiência a ajudou a transformar isso em práticas positivas. Frequentemente, converso com ela e peço se situações como antigamente estão acontecendo ainda. Ela me diz: - mãe, não existe mais isso (Bullying). Isso era em outro lugar, com outras pessoas.

Para mim, vê-la feliz é a maior realização, muito mais que boas notas.

Obrigada pelas interlocuções, Abraço, Dona Luísa

8.1.3 Narrativas da Escola

Carta Convite à Milena (Escola) - 03 de outubro de 2019

Prezada equipe diretiva.

Olá, sou Ivana Polo, tenho 22 anos, residente na cidade de São Marcos/RS. Atualmente sou graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul. Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre o efeito do *Bullying* a partir de múltiplas vozes: narrativas das vítimas, dos agressores e da escola. Estou sendo orientada nessa pesquisa pela Prof Dr^a Nilda Stecanela.

Assim, gostaria de contar com a colaboração da escola para relatar possíveis casos de *Bullying* e como a escola procede quando identifica que o fenômeno está ocorrendo e/ou produzindo vítimas. Que ações são tomadas para que os professores (as) saibam como lidar com essa situação?

Esses são alguns questionamentos que gostaria que você interagisse para iniciarmos nossa conversa. Gostaria que você relatasse aspectos que achar pertinente que eu possa ampliar minha visão sobre o assunto. Ah, nessa carta, gostaria de escutar a opinião da sua equipe de professores, se for possível. Caso contrário, sua contribuição já estará ótima para iniciarmos nossa conversa.

Ah, uma coisa muito importante: Sua identidade e nome serão preservados no trabalho, portanto, se quiser escolher um codinome (apelido), vai ser bem legal. Na certeza de que poderei contar com tua colaboração, agradeço a disponibilidade em fazer parte desta pesquisa.

Certo de sua atenção. Obrigada!

Ivana Polo

São Marcos, 22 de setembro de 2019

P.S.: Você pode enviar a resposta a esta carta para o meu e-mail (ipolo@ucs.br) ou para meu WhatsApp (54) 99984-9980

Carta resposta de Milena (Escola) - 08 de outubro de 2019

Prezada Ivana,

Conforme contato que realizamos, encaminho breve contribuição a partir de vivências nas escolas em que atuei, para iniciarmos nossa conversa. Hoje trabalho na Secretaria Municipal de Educação, no setor administrativo, como gerente administrativa, porém atuei em escolas da rede municipal e da rede estadual, ao longo da minha vida profissional.

Na escola, muitas situações de Bullying ocorrem com bastante frequência, independente da faixa etária das crianças/estudantes e da classe social.

As mais frequentes se referem às questões de estética e padrões de beleza impostos pela sociedade e pela mídia. Questões relativas à obesidade aparecem com muita força, talvez mais força do que as questões de raça e gênero.

Há um grande apelo nas redes sociais referentes às questões de estética e este apelo acaba gerando questões de Bullying e grande sofrimento para as crianças/estudantes. Muitas vezes estas situações de Bullying geram isolamento, desinteresse, agressividade e afetam diretamente as questões de aprendizagem dos estudantes na escola.

Quando identificadas tais situações, são planejadas ações de melhoria do convívio e valorização das características pessoais dos estudantes da turma em que o agredido está inserido, partindo de atividades e dinâmicas de grupo. Muitas vezes se faz necessária uma conversa direta com os agressores de modo a estancar o comportamento agressivo, trazendo também a participação das famílias para que contribuam com os momentos de conscientização de seus (as) filhos (as). O papel dos professores é fundamental na identificação das situações de Bullying e no imediato planejamento de ações na turma e até mesmo na escola como um todo.

Construção de vídeos de conscientização pelos próprios estudantes, campanhas no ambiente escolar com o auxílio do Grêmio Estudantil, concurso de cartazes de orientação e alerta, atividades que valorizem a cooperação e o trabalho em grupo... são possibilidades de ações a serem desencadeadas.

Estou à disposição para a continuidade da nossa conversa.

Atenciosamente, Milena

Interação com a Carta da Milena (Escola) - 10 de outubro de 2019

Milena!

Fico muito agradecida com as suas contribuições para o desenvolvimento da minha pesquisa de trabalho de conclusão de curso (TCC).

Você deve estar se perguntando o porquê escolhi o tema *Bullying* para desenvolvimento da minha pesquisa de TCC, ou por que não escolhi um tema com, talvez, um pouco menos de repercussão, ou, por que nós temos o conhecimento de que os seres humanos têm uma concepção do que é o *Bullying*, mas não os efeitos por trás dele. Quando estava concluindo o sétimo semestre de Licenciatura em Pedagogia comecei a pesquisar temas para abordar na pesquisa que seria desenvolvida para a conclusão do meu curso e quando comecei a ter conhecimento sobre ele, foi um assunto que me intrigou, que me fez questionar, quais os reais motivos de alguém fazer algo contra o outro? Por que os adolescentes/crianças praticam esse tipo de violência contra seus semelhantes no espaço escolar? Com base nessas perguntas e com experiências não muito positivas durante minha educação básica, optei por desenvolver esse tema e trazer mais conhecimento para o cotidiano escolar. Fazer o que, ao meu ver, estaria instalando uma semente de

esperança em um mundo no qual, muitas vezes, as pessoas pensam mais em si do que no outro.

Agora, um ponto da sua carta me deixou um pouco intrigada e fazendo eu lhe questionar um pouco mais sobre o assunto. Quando você relatou que “As mais frequentes se referem às questões de estética e padrões de beleza impostos pela sociedade e pela mídia”, você acredita que somente esses aspectos influenciam a prática do *Bullying*? Enquanto você estava atuando na educação básica, poderia me descrever um caso de *Bullying* que você tenha acompanhado e como foi realizado o processo para que ninguém mais sofresse ou praticasse esse tipo de violência no ambiente escolar.

Lhe questiono isso, pois, na minha educação básica, eu fui vítima de *Bullying* e levei suspensão por algo que, a meu ver, estava só me defendendo do praticante. Contudo, a suspensão não doeu tanto em mim, o que mais doeu foi saber que a direção da escola, além de perceber que as agressões físicas e verbais estavam acontecendo, optaram por me suspender, em vez de suspender a colega da turma que estava praticando as agressões contra mim.

Esses são alguns questionamentos que gostaria da sua contribuição. aguardo seu retorno e fico aqui ansiosa aguardando seu posicionamento.

Atenciosamente, Ivana Polo.

São Marcos, 09 de outubro de 2019.

(54) 99984.9980

Carta resposta de Milena (Escola) - 14 de outubro de 2019

Ivana!

Com relação ao meu relato das experiências vivenciadas na escola, envolvendo situações de Bullying, quando indiquei que as mais frequentes se referem às questões de estética e padrões de beleza impostos pela sociedade e pela mídia, não significa que somente esses aspectos influenciam na prática do Bullying, mas há um “bombardeio” constante de notícias e imagens de padrões e modelos de beleza que transformam a sociedade na busca destes e desvalorizam as características e potencialidades individuais, isolando aqueles que não se enquadram nestas perspectivas. A escola como reflexo direto da sociedade, acaba repetindo tais padrões.

Talvez o fato de estar trabalhando em comunidades com menor vulnerabilidade social dos estudantes, tenha reforçado as questões que destaquei. Nas comunidades de maior vulnerabilidade, o Bullying ocorre também de forma diferente e com mais frequência, nas manifestações de violência física.

Também não podemos deixar de lado as questões referentes à violência, muitas vezes já sofrida pelo agressor, que se manifesta na agressão imposta aos outros como uma forma de revidar aquilo que sofreu, impondo ao outro o sentimento vivenciado também por ele, em casa ou no grupo de relacionamento. O agressor geralmente traz um histórico de violência.

Uma situação de Bullying, neste caso mais psicológico, sem nenhuma manifestação de agressão física, bem marcante que acompanhei na escola, foi direcionada a uma estudante do 6º ano, onde os agressores eram grande parte da turma e não especificamente de um agressor. O foco do Bullying era a questão da obesidade da estudante.

A escola sempre realizou passeios com as turmas, para diferentes lugares. Neste caso, o passeio seria para um Parque Aquático e a pressão psicológica iniciou com “piadinhas” sobre a roupa de banho que a estudante iria usar, sobre cor, tamanho... Piadas diárias e de toda a ordem sobre o corpo da estudante. Foram tão intensas e frequentes, que a estudante chegou ao ponto, de mesmo já tendo pago o passeio, solicitar a desistência por acreditar que não tinha condições de participar, por estar fora dos padrões estéticos que a turma enfatizava.

Foi necessária a intervenção direta e imediata na turma, com uma conversa franca com os estudantes sobre as atitudes com relação a colega, para que percebessem o nível de maldade imposto nas supostas “brincadeiras” sobre o corpo da colega, que a privariam de participar de uma atividade organizada pela escola, pensando em um convívio diferenciado e prazeroso para todos os estudantes.

Também foi necessária uma conversa com a família, buscando auxílio dos familiares para investimento nas questões de aceitação, saúde e autoestima da estudante, que estava muito vulnerável às provocações dos colegas.

A professora conselheira desencadeou um trabalho de melhoria do convívio com a turma e de valorização das potencialidades de cada um, com atividades de construção e produção em grupo, favorecendo a integração e o maior conhecimento entre os pares, ampliando o campo de amizade, variando a composição dos grupos e valorizando o respeito ao outro e aos sonhos e projetos de cada um.

Mesmo com as ações desenvolvidas, foi necessário um monitoramento constante de todos os professores que atuavam na turma, para que as atitudes não voltassem a se repetir.

Coloco-me à disposição e espero estar contribuindo para o desenvolvimento do seu trabalho. Abraço, Milena

8.1.4 Narrativas dos Praticantes de *Bullying*

Carta convite à Cebolinha (agressora) - 10 de setembro de 2019

Prezado (a) estudante!

Olá, sou Ivana Polo, tenho 22 anos, residente na cidade de São Marcos/RS. Atualmente sou graduanda do curso de licenciatura em pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul. Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre o efeito do *Bullying* a partir de múltiplas vozes: narrativas das vítimas, dos agressores e da escola. Essa pesquisa, estou sendo orientada pela Prof Dr^a Nilda Stecanela.

Gostaria muito de tua colaboração para minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no curso de Pedagogia da Universidade de Caxias do Sul, sobre a temática do *Bullying*. Justifico esse desejo, pois é muito comum termos a versão das vítimas, das famílias ou da escola, mas, quase nunca, a voz dos praticantes de *Bullying* é escutada. Frente a isso, posso contar com tua colaboração?

Minha motivação em pesquisar o *Bullying* está associada a uma experiência não positiva que vivi na Educação Básica, pois fui vítima desse fenômeno que ocorre com muitas crianças e adolescentes no período escolar. Fiquei curiosa em conhecer a experiência de outros adolescentes e busquei pessoas que pudessem colaborar com minha pesquisa em minha rede de relações e nas redes das relações de minha orientadora. Por isso, chegamos a você!

Se você estiver disposta, poderemos trocar algumas cartas de modo que eu possa conhecer sobre sua experiência com o *Bullying*. Além disso, pretendo escutar a voz de quem foi alvo do *Bullying*, das famílias e da escola. Desejo compreender um pouco mais sobre os motivos que levam os praticantes de *Bullying* a cometerem esse ato.

Gostaria que me descreva, como era o ambiente escolar onde você estudou na Educação Básica? Em que situações você foi identificado (a) como um (a)

praticante de *Bullying*? Você costumava pronunciar xingamentos e afins com seus colegas? Qual era o seu sentimento em fazer isso? Imagino que você esteja pensando que essa pergunta é muito direta, sem sensibilidade, mas preciso entender, como você se sente como praticante de ações contra seus colegas.

Ah, uma coisa muito importante: tua identidade e nome serão preservados no trabalho, portanto, se quiser escolher um codinome (apelido), vai ser bem legal.

Na certeza de que poderei contar com tua colaboração, agradeço a disponibilidade em fazer parte de minha pesquisa. Estarei aqui, ansiosa, esperando tua resposta e, também, à disposição para esclarecer qualquer dúvida que você tiver.

Abraço e até breve.

Ivana Polo - São Marcos, 22 de setembro de 2019.

P.S.: Você pode enviar a resposta a esta carta para o meu e-mail (ipolo@ucs.br) ou para meu WhatsApp (54) 99984-9980

Carta resposta de Cebolinha - 14 de setembro de 2019

Meu nome é Cebolinha. Eu tenho 22 anos, moro em São Paulo/SP, e vim por meio desta carta, contar a minha história com o Bullying.

Eu sempre estudei em escola pública, era um ambiente bom, os professores sempre davam o seu melhor, mesmo com as poucas condições que possuíam. Eu tinha uma amiga no meu ensino médio, que sofria Bullying, porque gostava de jogar bola, eu era bem de boa até, quando praticavam com ela eu ficava na minha, não falava nada, até que um dia ela saiu da escola, mudou para outro bairro, e eu fiquei sozinha e triste, porque gostava muito dela. E como eu jogava bola também, pensei que poderia sofrer Bullying por conta disso, com isso pensei, antes que comessem a fazer comigo, eu comecei a praticar.

Todos nós temos fraquezas, sempre tem algo, que nos deixa triste, que nos coloca para baixo, eu comecei a observar, mas as pessoas, principalmente, aqueles que fizeram minha amiga sair da escola, prestava atenção em conversa, para tentar descobrir, onde estava a ferida, para eu ir cutucar

Eu descobri que o pai do Samuel, tinha traído a mãe dele, e foi a deixa pra eu começar a fazer Bullying, passa perto do corredor, chamava a mãe dele de corna, depois descobrir, que o irmão de um outro rapaz, era Gay e ele não queria que ninguém soubesse, fui e contei pra todo mundo, colocava, coisas escritas nas costas

dele como (temos outro viadinho aqui), então as pessoas começaram a se afastar de mim, e qualquer pessoa, que fizesse algo que eu não gostava, eu já xingava, batia, tudo era motivo pra eu discutir com alguém, ofender, pelo jeito que se vestia, pela religião, pelo time de futebol, eu fazia de tudo, pra entra em uma confusão. Até que um dia minha mãe foi na escola, assistiu aula comigo, então eu virei a piada né, aí parei de fazer essas coisas, mas se alguém falasse qualquer coisa, eu desci a porrada.

Era uma sensação de poder, porque as pessoas tinham medo de mim, e as que estavam do meu lado, fazia tudo para estar perto, então eu me sentia, a dona da escola. Eu comecei a praticar, por medo de sofrer, não me orgulho nada, se pudesse pediria perdão, a todos que ofendi.

Interação com a Carta de Cebolinha (agressora) - 18 de setembro de 2019

Cebolinha, Boa Noite!

Agradeço por sua participação em minha pesquisa de trabalho de conclusão de curso. Suas contribuições foram de grande ajuda. Porém, como sou uma pessoa bastante insistente e como deve ter percebido, bastante curiosa, vou fazer mais algumas perguntas, espero não estar atrapalhando sua rotina.

Um aspecto que você deve estar se perguntando é por que escolhi o tema *Bullying* para abordar em uma pesquisa de final de graduação. Então, lá vai a minha história. Quando estava na educação básica, eu fui vítima de *Bullying*, a escola onde eu estudava, me deu suspensão porque eu reagi a uma ação de *Bullying*, embora já tinham conhecimento do que estava se desenvolvendo no ambiente escolar. Eu juro que, naquela época, não entendi o porquê eu fui culpada por uma ação que só estava tentando me defender, já que a escola nada fazia. Quando meus pais foram até a escola, a responsabilidade foi totalmente atribuída a mim e aos meus pais, a escola abafou o caso, e não fez nada mais para tentar resolver a situação. E um dos motivos que acredito que faziam a praticante de *Bullying* fazer tais ações contra mim, era por não ter, em suas relações interpessoais, a mesma atenção que tinha, quando praticava as ações contra mim. Era uma forma, como você disse, de se sentir poderosa, de ser os centros das atenções.

Quando você praticava as ações, você tinha consciência de que suas ações estavam prejudicando o desenvolvimento da outra pessoa? Você consegue descrever

alguma ação que acredita que tenha sido a mais cruel contra a vítima? Quais as razões que lhe influenciaram a escolher ser praticante de *Bullying*? Como era sua relação fora do ambiente escolar? Você se sentia parte da sociedade, como era sua relação com seus familiares? Descreva-me.

Eu sei que lhe fiz muitos de questionamentos, mas preciso entender sua posição, enquanto praticante, para poder entender quais as razões que faziam você praticar *Bullying*.

Bom, desculpa minha insistência, mas sua carta me provocou para escrever novamente. Abraço e até breve.

São Marcos, 09 de outubro de 2019.

Carta resposta de Cebolinha (agressora) - 23 de setembro de 2019

Ivana, Boa tarde.

A princípio, quando eu comecei, eu tinha noção sim que poderia machucar, e realmente era isso que eu queria, eu queria que sentisse a mesma coisa que a minha amiga sentia, quando eles faziam piadas e até agressões. Então era muito proposital, cada pé que eu colocava na frente, para eles caírem, chicletes na cadeira, corta o cabelo, eu fazia tudo isso por eu sabia, que sairia impune, porque a escola nunca deu ouvidos para quem sofria, afinal minha amiga sofreu e ninguém fez absolutamente nada.

Eu percebi que minhas ações estavam saindo do controle, quando eu contei pra todo mundo, que o irmão mais velho do Vinícius era homossexual (gay), eu não tinha noção da gravidade disso, na verdade pensando hoje, eu até tinha, os pais deles, assim como os meus eram muito religioso, chegavam a ser intolerantes, quando eles ouviram falar que ele era homossexual, foram buscar eles na escola, fizeram o maior show, um culpando o outro, e falando que o garoto ia queimar no fogo do inferno, e todo mundo vendo, os pais deles foram muito cruéis, expulsaram ele de casa, e eu fiquei com a sensação de ter destruído um lar, aquilo definitivamente acabou comigo. Aí eu comecei a pôr um fim nas minhas atitudes, ficava mais minha.

Eu não era uma pessoa ruim, eu não tinha ninguém, eu cresci em um ambiente, muito exigente, era difícil pra mim, porque eles queriam uma filha perfeita, extraordinária, e eu nunca pude ser essa filha, eu tenho déficit de atenção, então na escola, eu sempre fui um pouco mais devagar sabe, mas me esforçava ao máximo,

pra dar o meu melhor, e sempre dei sabe, eu era muito diferente das minhas irmãs, era incrível, eu não tinha nada a ver com elas, e meu pai cobrava isso, ele queria que eu fosse alguém, que eu não era, então eu só tinha Fernanda, a gente pensava igual, gostávamos das mesma coisa, ela me ajuda nas minha crises de ansiedade, me ajudava na escola, era uma irmã de outra mãe, e quando ela se mudou, eu fiquei com tanta raiva, e quis me vingar, era difícil, eu não me encaixava em lugar nenhum, eu não tinha um grupo na escola, eu não tinha amigos na igreja, e em casa ninguém ligava muito, eu era muito indiferente, eu tinha minha avó, e a Fernanda. Então eu escolhi praticar para não ser vítima, era mais fácil, não me orgulho nenhum pouco, não me orgulho em nada mesmo, porque tudo que eu fiz na escola, causou danos em alguém, e em min também, as vezes eu penso no irmão do Vinícius, eu posso ter destruído a vida dele, depois de 3 anos que aconteceu isso, eu descobri que não era hétero, e mesmo tento apoio da minha mãe, eu sofri, e muito, então não tem um dia se quer, que eu não penso no irmão dele.

Carta convite à Magali (Agressora)

Data: 12 de outubro de 2019

Prezado (a) estudante!

Olá, sou Ivana Polo, tenho 22 anos, residente na cidade de São Marcos/RS. Atualmente sou graduanda do curso de licenciatura em pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul. Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre o efeito do *Bullying* a partir de múltiplas vozes: narrativas das vítimas, dos agressores e da escola. Essa pesquisa, estou sendo orientada pela Prof Dr^a Nilda Stecanela.

Gostaria muito de tua colaboração para minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no curso de Pedagogia da Universidade de Caxias do Sul, sobre a temática do *Bullying*. Justifico esse desejo, pois é muito comum termos a versão das vítimas, das famílias ou da escola, mas, quase nunca, a voz dos praticantes de *Bullying* é escutada. Frente a isso, posso contar com tua colaboração?

Minha motivação em pesquisar o *Bullying* está associada a uma experiência não positiva que vivi na Educação Básica, pois fui vítima desse fenômeno que ocorre com muitas crianças e adolescentes no período escolar. Fiquei curiosa em conhecer a experiência de outros adolescentes e busquei pessoas que pudessem colaborar com minha pesquisa em minha rede de relações e nas redes das relações de minha orientadora. Por isso, chegamos a você!

Se você estiver disposta, poderemos trocar algumas cartas de modo que eu possa conhecer sobre sua experiência com o *Bullying*. Além disso, pretendo escutar a voz de quem foi alvo do *Bullying*, das famílias e da escola. Desejo compreender um pouco mais sobre os motivos que levam os praticantes de *Bullying* a cometerem esse ato.

Gostaria que me descreva, como era o ambiente escolar onde você estudou na Educação Básica? Em que situações você foi identificado (a) como um (a) praticante de *Bullying*? Você costumava pronunciar xingamentos e afins com seus colegas? Qual era o seu sentimento em fazer isso? Imagino que você esteja pensando que essa pergunta é muito direta, sem sensibilidade, mas preciso entender, como você se sente como praticante de ações contra seus colegas.

Ah, uma coisa muito importante: tua identidade e nome serão preservados no trabalho, portanto, se quiser escolher um codinome (apelido), vai ser bem legal.

Na certeza de que poderei contar com tua colaboração, agradeço a disponibilidade em fazer parte de minha pesquisa. Estarei aqui, ansiosa, esperando tua resposta e, também, à disposição para esclarecer qualquer dúvida que você tiver.

Abraço e até breve.

Ivana Polo - São Marcos, 22 de setembro de 2019.

P.S.: Você pode enviar a resposta a esta carta para o meu e-mail (ipolo@ucs.br) ou para meu WhatsApp (54) 99984-9980

Carta Resposta de Magali (Agressora) - 13 de outubro de 2019

Meu nome é Magali, tenho 22 anos e sempre estudei em escola pública. Pratiquei Bullying durante o Ensino Fundamental na Escola Municipal em que estudava. A escola era ótima, mas essas questões de Bullying não eram trabalhadas e até mesmo as professoras acabavam caindo na onda dos alunos agressores e rindo da situação.

Antes de eu ser uma agressora, eu fui uma vítima, primeiro sofri por conta do cabelo, depois por ser a “nerd da turma” e depois por participar de concurso de beleza. Acredito que toda essa minha raiva pelos demais colegas fez com que eu usasse isso de alguma maneira negativa, então comecei a fazer piadas com uma colega repetente, que era mais acima do peso e que tinha muita dificuldade social. Lembro que as vezes eu tinha pena dela, mas continuava xingando e cantando músicas para

ela porque achava engraçado e, dessa forma, eu comecei a me enturmar mais. Deixei de ser a “menininha perfeita” e virei a “colega legal”.

O maior problema é que não era só eu quem proferia todos os xingamentos, os meus colegas acabaram achando engraçado e, no fim, era basicamente toda a turma contra a menina.

Na época, a gente não tinha muita noção do que era Bullying e do que isso poderia se tornar, mas hoje, mais madura, reconheço que o que fazia não era certo e a colega só precisava de ajuda e de atenção, uma vez que ela vinha de uma família bem desestruturada.

Interação com a Carta de Magali (Agressora) - 18 de outubro de 2019

Magali, bom dia.

Agradeço por sua participação em minha pesquisa de trabalho de conclusão de curso. Suas contribuições foram de grande ajuda. Porém, como sou uma pessoa bastante insistente e como deve ter percebido, bastante curiosa, vou fazer mais algumas perguntas, espero não estar atrapalhando sua rotina.

Um aspecto que você deve estar se perguntando é por que escolhi o tema *Bullying* para abordar em uma pesquisa de final de graduação. Então, lá vai a minha história. Quando estava na educação básica, eu fui vítima de *Bullying*, a escola onde eu estudava, me deu suspensão porque eu reagi a uma ação de *Bullying*, embora já tinham conhecimento do que estava se desenvolvendo no ambiente escolar. Eu juro que, naquela época, não entendi o porquê eu fui culpada por uma ação que só estava tentando me defender, já que a escola nada fazia. Quando meus pais foram até a escola, a responsabilidade foi totalmente atribuída a mim e aos meus pais, a escola abafou o caso, e não fez nada mais para tentar resolver a situação.

Você relatou que antes de ser praticante, você foi vítima dos seus colegas no ensino fundamental, poderia me descrever como eram essas ações?

Quando você praticava as ações, você tinha consciência de que suas ações estavam prejudicando o desenvolvimento da outra pessoa? Você consegue descrever alguma ação que acredita que tenha sido a mais cruel contra a vítima? Quais as razões que lhe influenciaram a escolher ser praticante de *Bullying*? Como era sua relação fora do ambiente escolar? Você se sentia parte da sociedade, como era sua relação com seus familiares? A escola em algum momento realizou alguma ação

contra você, praticante de *Bullying*? Você consegue me descrever, se a equipe diretiva ou algum (a) professor (a) chegou a conversar com a turma de você com relação as ações que estavam praticando com a colega de turma? Descreva-me.

Eu sei que lhe fiz muitos de questionamentos, mas preciso entender sua posição, enquanto praticante, para poder entender quais as razões que faziam você praticar *Bullying*. Bom, desculpa minha insistência, mas sua carta me provocou para escrever novamente. Abraço e até breve.

São Marcos, 14 de outubro de 2019.

Carta resposta de Magali (Agressora) - 24 de outubro de 2019

Conforme citei anteriormente, antes de ser agressora, fui vítima de Bullying. Foi um tempo muito difícil para o meu desenvolvimento, acredito que só quem passou por isso sabe como é. Era piadinha o tempo todo, me excluía das atividades e me perseguiram da escola até minha casa rindo, atirando pedra e gritando (eu sempre fui para casa com uma amiga, vez que morava perto). Lembro que uma vez chegaram a apertar o interfone do meu apto e falaram para minha mãe que eu era uma pessoa muito feia. Ela, por óbvio, me defendeu, mas aquilo para mim não bastava.

Sempre fui uma criança muito braba, apesar de nunca ter sido a menina mimada que sempre queria tudo, então com o tempo eu fui aprendendo a me defender e as piadinhas foram diminuindo. Entretanto, ainda tinha muita dificuldade de me socializar. Foi então que percebi que para eu fazer parte de determinado grupo escolar eu precisava entrar na onda do pessoal e começar a praticar Bullying com os coleguinhas.

Na época, eu tinha uns 12, 13 anos, não fazia ideia do quanto isso poderia afetar a menina, mas eu sentia que alguma coisa ali não estava certa, afinal eu já tinha passado por isso; apesar desse sentimento, eu me tornei uma agressora. Lembro que inventei uma música e uma coreografia para ela e incentivei os outros colegas a cantarem comigo quando ela chegasse; ainda, lembro de sujar a cadeira dela de chocolate para que quando ela sentasse todo mundo risse dizendo que ela tinha feito cocô. Enfim, talvez eu tenha feito com ela coisas piores do que fizeram comigo, me arrependo muito por isso. Eu não sei bem como me tornei uma agressora naquela época, talvez vários fatores fizeram com que eu começasse a praticar o Bullying; um deles, pode ter sido as frequentes brigas entre meus pais (eles brigavam muito quando

eu era pequena) e eu acho que levei esse estresse e essas confusões para minha vida estudantil e social.

Por fim, posso dizer que hoje me identifico como agressora e como vítima do Bullying, mas durante o Ensino Fundamental eu não enxergava dessa forma, talvez se os professores tivessem conversado comigo, retratado o que era o Bullying e prestado mais atenção nos colegas, eu teria percebido antes e cessado. Mas isso não ocorreu porque os professores acabavam rindo das piadas feitas por nós (agressores) e nunca questionaram elas. Na nossa cabeça estava tudo certo.